

# COMENTÁRIO SOBRE FILIPENSES

## Vincent Cheung

Copyright © 2003 por Vincent Cheung. Todos os direitos reservados. Esta publicação não pode ser reproduzida, armazenada ou transmitida no todo ou em parte sem prévia autorização do autor ou dos editores.

Publicado originalmente por [Reformation Ministries International](#)  
PO Box 15662, Boston, MA 02215, USA

Tradução: Claudino Batista Marra Júnior

Revisão, edição e projeto gráfico: Felipe Sabino de Araújo Neto.

Direitos para o português gentilmente cedidos pelo autor ao site *Monergismo.com*.

Todas as citações bíblicas foram extraídas da *Nova Versão Internacional* (NVI), © 2001, publicada pela Editora Vida, salvo indicação em contrário.

# SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	3
1. DE PECADORES A SANTOS .....	4
ATOS 16:6-40 .....	4
FILIPENSES 1:1-2 .....	9
2. PARTICIPANTES NO EVANGELHO .....	20
FILIPENSES 1: 3-11, 4: 10-19.....	20
FILIPENSES 1:12-26.....	28
3. UNIDOS PELO EVANGELHO.....	31
FILIPENSES 1:27-30.....	31
FILIPENSES 2:1-11.....	32
FILIPENSES 2:12-18.....	34
FILIPENSES 2. 19-30.....	37
4. DE JUSTIFICADOS A SANTIFICADOS.....	41
FILIPENSES 3:2-9 .....	41
FILIPENSES 3:10-21; 4:1 .....	48
FILIPENSES 4:6-9 .....	51

## PREFÁCIO

Ao escrever esta introdução a Filipenses, não pretendo produzir um comentário exegético detalhado. Antes, pretendo esclarecer ensinamentos teológicos nessa carta que são importantes para a causa do reino de Deus, a saúde da igreja de Cristo e a maturidade dos santos.

Muito do que hoje é chamado de ensinamento “cristão” enfatiza o caminho para a paz emocional e o conforto físico. Como D. A. Carson<sup>1</sup> escreve:

Eu gostaria de comprar mais ou menos três dólares de evangelho, por favor. Não muito – apenas o suficiente para me fazer feliz, mas não demais que eu fique dedicado. Eu não quero tanto evangelho que eu aprenda a realmente odiar a cobiça e a luxúria. Certamente não quero tanto que comece a amar os meus inimigos, prezar a auto-negação, e contemplar o serviço missionário em alguma cultura diferente. Eu quero êxtase, não arrependimento; transcendência, não transformação. Eu gostaria de ser querido por algumas pessoas gentis, perdoadoras e de mente aberta, mas eu mesmo não quero amar aqueles de diferentes raças – especialmente se tiverem cheiro. Eu gostaria de evangelho o suficiente para fazer minha família segura e meus filhos bem comportados, mas não tanto que eu descubra minhas ambições redirecionadas ou minhas doações por demais alargadas. Eu gostaria de levar três dólares de evangelho, por favor.

Em contraste, Paulo elogia os Filipenses por serem parceiros na fé com ele, e os encoraja a permanecerem unidos pela fé, de maneira que possam viver pela fé. Paulo ensina os seus leitores a buscar primeiro o reino de Deus, mesmo que isto leve a grandes sofrimentos e provações. Ele diz que pode estar contente sob todas as circunstâncias pela força que Cristo dá.

Ao invés de usar a vida cristã como desculpa ou plataforma para perseguir seus próprios interesses, essa carta de Paulo ensina uma Cristandade que promove e persegue o interesse de Cristo. Que tipo de “cristão” você é? Se você não é do tipo que vive e luta pelo tipo da fé bíblica, então, como é que você pode dizer que é um cristão afinal? Ter somente “três dólares de evangelho” é certamente o suficiente para fazê-lo um hipócrita condenável, mas nada mais.

---

<sup>1</sup> D. A. Carson, *Basics for believers: Na Exposition of Philipians*; Baker Books, 1996, 2002; p. 12-13.

## 1. DE PECADORES A SANTOS

### ATOS 16:6-40

*Paulo e seus companheiros viajaram pela região da Frígia e da Galácia, tendo sido impedidos pelo Espírito Santo de pregar a palavra na província da Ásia. Quando chegaram à fronteira da Mísia, tentaram entrar na Bitínia, mas o Espírito de Jesus os impediu. Então, contornaram a Mísia e desceram a Trôade. Durante a noite Paulo teve uma visão, na qual um homem da Macedônia estava em pé e lhe suplicava: “Passe à Macedônia e ajude-nos”. Depois que Paulo teve essa visão, preparamo-nos imediatamente para partir para a Macedônia, concluindo que Deus nos tinha chamado para lhes pregar o evangelho.*

*Partindo de Trôade, navegamos diretamente para a Samotrácia e, no dia seguinte, para Neápolis. Dali partimos para Filipos, na Macedônia, que é colônia romana e a principal cidade daquele distrito. Ali ficamos vários dias.*

*No sábado saímos da cidade e fomos para a beira do rio, onde esperávamos encontrar um lugar de oração. Sentamo-nos e começamos a conversar com as mulheres que haviam se reunido ali. Uma das que ouviam era uma mulher temente a Deus chamada Lídia, vendedora de tecido de púrpura, da cidade de Tiatira. O Senhor abriu o seu coração para atender à mensagem de Paulo. Tendo sido batizada, bem como os da sua casa, ela nos convidou, dizendo: “Se os senhores me consideram uma crente no Senhor, venham ficar em minha casa”. E nos convenceu.*

*Certo dia, indo nós para o lugar de oração, encontramos uma escrava que tinha um espírito pelo qual predizia o futuro. Ela ganhava muito dinheiro para os seus senhores com adivinhações. Essa moça seguia a nós e a Paulo gritando: “Esses homens são servos do Deus Altíssimo e lhes anunciam o caminho da salvação”. Ela continuou fazendo isso por muitos dias. Finalmente, Paulo ficou indignado, voltou-se e disse ao espírito: “Em nome do Senhor Jesus eu lhe ordeno que saia dela!” No mesmo instante o espírito a deixou.*

*Percebendo que a sua esperança de lucro tinha se acabado, os donos da escrava agarraram Paulo e Silas e os arrastaram para a praça principal, diante das autoridades. E, levando-os aos magistrados, disseram: “Estes homens são judeus e estão perturbando a nossa cidade, propagando costumes que a nós, romanos, não é permitido aceitar nem praticar”. A multidão ajuntou-se contra Paulo e Silas, e os magistrados ordenaram que se lhes tirassem as roupas e fossem açoitados. Depois, de serem severamente açoitados, foram lançados na prisão. O carcereiro recebeu ins-trução para vigiá-los com cuidado. Tendo recebido tais ordens, ele os lançou no cárcere interior e lhes prendeu os pés no tronco.*

*Por volta da meia noite, Paulo e Silas estavam orando e cantando hinos a Deus; os outros presos os ouviam. De repente, houve um terremoto tão violento que os alicerces da prisão foram abalados. Imediatamente todas as portas se abriram, e as correntes de todos se soltaram. O carcereiro acordou e, vendo abertas as portas da prisão, desembainhou sua espada para se matar, porque pensava que os presos tivessem fugido. Mas Paulo gritou: “Não façam isso! Estamos todos aqui!”*

*O carcereiro pediu luz, entrou correndo e, trêmulo, prostrou-se diante de Paulo e Silas. Então levou-os para fora e perguntou: “Senhores, que devo fazer para ser salvo?” Eles*

*responderam: “Creia no Senhor Jesus, e serão salvos, você e os da sua casa”. E pregaram a palavra de Deus, a ele e a todos os de sua casa. Naquela mesma hora da noite o carcereiro lavou as feridas deles; em seguida, ele e todos os seus foram batizados. Então os levou para a sua casa, serviu-lhes uma refeição e com todos os de sua casa alegrou-se muito por haver crido em Deus.*

*Quando amanheceu, os magistrados mandaram os seus soldados ao carcereiro com essa ordem: “Solte esses homens”. O carcereiro disse a Paulo: “Os magistrados deram ordem para que você e Silas sejam libertados. Agora podem sair. Vão em paz”. Mas Paulo disse aos soldados: “Sendo nós cidadãos romanos, eles nos açoitaram publicamente sem processo formal e nos lançaram na prisão. E agora querem livrar-se de nós secretamente? Não! Venham eles mesmos e nos libertem”. Os soldados relataram isso aos magistrados, os quais, ouvindo que Paulo e Silas eram romanos, ficaram atemorizados. Vieram para se desculpar diante deles e, conduzindo-os para fora da prisão, pediram-lhe que saíssem da cidade. Depois de saírem da prisão, Paulo e Silas foram à casa de Lídia, onde se encontraram com os irmãos e os encorajaram. E então partiram.*

Na eternidade, Deus decretou que ele se glorificaria pela obra expiatória de Cristo. Para realizar isso, ele decretou que manifestaria sua misericórdia redimindo aqueles a quem ele escolheu para a salvação, e manifestaria a sua ira condenando aqueles a quem ele escolheu para o tormento (Romanos 9:10-24). Para realizar isso, ele decretou que todo o ser humano se tornaria pecador, de maneira que ele pudesse converter os escolhidos para a salvação, e condenar o resto como réprobos. Para executar isso, ele decretou que Adão seria o representante de todos os seres humanos, e que Adão traria a queda da espécie humana pela sua desobediência.

Então, sob a desobediência de Adão, Deus começou a executar o seu plano, e decretou que a humanidade seria dividida em dois grupos, isto é, os eleitos e os réprobos (Gênesis 3:15). Desde então, os dois grupos têm estado em constante conflito. Contudo, Deus exerce sua soberania não somente com relação a grupos, mas também em relação a indivíduos. Portanto, até entre os descendentes físicos dos eleitos, alguns têm sido escolhidos para a salvação, e outros para a condenação, ainda que ambos possam viver dentro da comunidade da aliança, e assim, os conflitos entre Caim e Abel, Ismael e Isaque, Esaú e Jacó, continuam até os nossos dias.

As pessoas não podem se escolher para estar entre os eleitos ou os réprobos, mas é Deus quem decide, ou melhor, já decidiu. Sua escolha não é baseada nas condições e qualificações das pessoas, como se elas fizessem sucesso sem Deus e então fossem avaliadas por ele. Antes, é Deus quem cria cada pessoa em primeiro lugar, e Deus é quem faz cada pessoa ser o que ela é, exercendo completo controle sobre sua consciência e circunstâncias, seja eleito ou réprobo.

Paulo diz que Deus é um oleiro que tem o direito e o poder de produzir um vaso para uso honrado e outro para uso comum (Romanos 9:21). Os vasos não aparecem por si, nem são produzidos por alguma outra pessoa, e então avaliados por Deus para o seu uso. Nem Deus olha para o futuro para obter informação sobre o vaso para decidir a sua sorte, desde que é o próprio Deus que cria tanto o vaso como o seu futuro.

Portanto, exatamente como o oleiro decide sobre o que vai fazer e então faz, e o barro não pode resistir ou influenciar na decisão do oleiro, assim Deus decide sobre que tipo de gente

ele fará e então os faz, e as pessoas não podem resistir ou influenciar sua decisão (Romanos 9:18-24). Isso também significa que tanto a eleição como a reprovção são decretos ativos de Deus. Talvez para amaciar a doutrina bíblica, algumas pessoas ensinam que Deus ativamente elege alguns para a salvação, mas ele apenas “permite” aos restantes serem condenados. Contudo, a Bíblia ensina que Deus ativamente cria algumas pessoas para estar entre os eleitos e ativamente cria outras pessoas para estar entre os réprobos. Nem os eleitos e nem os réprobos aparecem por si mesmos, ou do nada.

Assim, Deus tem decretado as identidades daqueles que ele irá salvar e daqueles que ele irá condenar, sem olhar para quaisquer condições neles previstas, uma vez que qualquer assim chamadas condições previstas seriam previstas porque o próprio Deus teria sido quem decretara essas condições em primeiro lugar. Assim, os eleitos têm sido escolhidos para a salvação não porque Deus sabia que eles teriam fé; antes, os eleitos recebem a fé vinda de Deus porque já foram escolhidos por Deus para a salvação mesmo antes da criação.

Desde o tempo de Adão, Deus tem estado salvando seus escolhidos dando-lhes fé em Cristo, e a salvação vem somente de Deus, que salva somente através de Cristo. A justificação é pela fé não no sentido de que você pode se salvar pela sua fé; antes, a doutrina ensina que você nada pode fazer para salvar-se, mas que você precisa depender totalmente de outro alguém para salvá-lo. Assim sendo, a doutrina está ensinando justificação não pela fé *como tal* ou *por si mesma*, mas está ensinando que a justificação é *por Cristo* somente. É Cristo quem te salva, e não a fé em si. A fé tem um papel porque é Cristo quem te salva dando-lhe a fé nele (Efésios 2:8-9, Hebreus 12:2).

Deus comissionou Paulo a espalhar o evangelho, mas ele impediu o apóstolo e seus companheiros de seguir o plano original deles, e ao invés disso, os direcionou a Filipos (Atos 16:6-12). Deus não apenas controlou a estratégia geral do ministério de Paulo, mas também controlou as oportunidades individuais de pregação e as respostas dos ouvintes. O carcereiro foi convertido somente depois que um milagre soberano de Deus abalou as próprias fundações da prisão (Atos 16:25-26). Da mesma maneira, Lídia creu no evangelho somente porque Deus soberanamente abriu sua mente para a mensagem (Atos 16:13-15).

Portanto, Deus é soberano sobre qualquer aspecto da redenção, desde o progresso do evangelho na história aos mínimos detalhes de cada conversação. Embora ele seja soberano sobre tudo, e embora ele possa controlar qualquer objeto ou evento até sem o uso de meios, ele tem, contudo, decido executar muitos de seus decretos pelo uso de meios que ele também soberanamente cria e seleciona. Quando é para ajuntar os eleitos dando-lhes fé em Cristo, ele tem escolhido fazer isso através da pregação de seus ministros. E mais, ele tem ordenado que esses ministros deveriam freqüentemente ter que lutar e sofrer pelo amor do seu reino, na medida em que promovem o evangelho em face à oposição.

A oposição ao evangelho pode aparecer de várias formas. Em Filipos, interferências demoníacas vieram contra Paulo na forma de uma jovem que tinha um espírito de adivinhação. Quando lêem sobre isso na Bíblia, muitos cristãos professos podem concordar que havia alguma coisa errada com a jovem, e que Paulo estava certo em expelir dela o espírito mau. Mas algumas dessas mesmas pessoas podem não pensar nada dos ensinamentos e práticas ocultistas de hoje, em parte porque eles têm sido enganados para pensar que são compatíveis com ou derivados da fé cristã. Em qualquer dos casos, se a adivinhação era demoníaca nos dias de Paulo, então é demoníaca em nossos dias, mas muitos cristãos professos hoje até mesmo praticam a necromância com a ajuda desses mestres do ocultismo.

Nós temos que confrontá-los com a verdade, e se eles recusarem se arrepender, então saberemos que esses não são verdadeiros cristãos afinal.

Se é intolerante dizer que somente uma religião é a verdade e que todas as outras religiões são falsas, então a fé cristã não pode ser mais intolerante. Deus afirma através da Bíblia que ele é o único Deus, que Cristo é o único Salvador, que as Escrituras são a única revelação verbal, e que a igreja é a única comunidade da aliança. Nesse sentido, a Cristandade é intolerante, mas e daí? Eu nunca ouvi um argumento tolerante contra a intolerância. Aqueles que advogam o que eles chamam de “tolerância” dizem que é “intolerante” alegar que somente o seu grupo está certo e que todos os outros estão errados; porém, ao afirmar isso, ele está dizendo que somente o seu grupo está certo (em ser “tolerante”) e que todos os outros estão errados (em ser “intolerantes”). Então, a pessoa tolerante nunca pode dizer que é errado ser intolerante; de outro modo, ela perdeu sua tolerância.

Existe uma categoria mais abrangente pela qual podemos identificar oposições contra o evangelho, e isso é o que Paulo chama de “fortalezas” que os cristãos devem demolir (1Coríntios 10:4). Um correto entendimento desse conceito nos ajudará a ganhar uma firme compreensão sobre o que devemos fazer quando tentamos espalhar o evangelho.

Falsos mestres têm usado esse termo para denotar castelos figurativos no ar, construídos por demônios, e para denotar posições geográficas estratégicas que esses demônios guardam. Para remover as trevas espirituais de uma área, eles dizem que temos que desalojar esses demônios dos seus postos. Para fazer isso, temos que passar por um processo elaborado e muitas vezes místico para identificar esses demônios e então orar contra eles, talvez apontando para o céu e “amarrando-os” no nome de Jesus. Mas tudo isso é anti-bíblico.

Com Paulo, as “fortalezas” se referem a pressuposições e argumentos anti-bíblicos, obstinadamente mantidas pelas pessoas. Essas fortalezas intelectuais previnem os não-cristãos de chegarem à fé, e retarda os cristãos de crescerem na fé. Essas falsas crenças são não apenas teimosamente mantidas pelas pessoas, mas elas são também irracionalmente mantidas por elas; portanto, pessoas com essas crenças antibíblicas não mudarão as suas mentes apenas porque você venceu um argumento contra elas. Somente Deus pode mudar a mente do homem; contudo, não se segue que as nossas pregações e argumentações sejam inúteis e improdutivas. De fato, muita da nossa responsabilidade ao pregar o evangelho consiste em pregar e em discutir, e esses são os meios pelos quais Deus irá soberanamente mudar as mentes das pessoas e conceder-lhes a fé em Cristo. Em outras palavras, somente Deus pode mudar as pessoas, mas ele muda as pessoas através da nossa pregação e argumentação.

Dentro dessa vasta categoria de fortalezas intelectuais estão as falsas religiões. Por falsa religião eu quero dizer todas as religiões não-cristãs, incluindo muitas das que afirmam ser cristãs, tais como o Catolicismo, e o Mormonismo. Uma estratégia que tem sido usada para se opor ao evangelho é ensinar às pessoas que não existe tal coisa como uma falsa religião, que existem muitos caminhos para Deus, ainda que esses caminhos se contradigam mutuamente. Certamente, essa crença é ela mesma uma fortaleza antibíblica! Os cristãos têm que a reconhecer pelo que ela é, e a destruir pelo poder de Deus, através da argumentação bíblica. Além de falsas religiões, existem muitos outros tipos de fortalezas, tais como cosmologia, biologia, psicologia e ética não-cristãs.

Usando a mesma metáfora, a nossa meta é substituir fortalezas antibíblicas por fortalezas bíblicas nas mentes das pessoas, para que eles venham a pensar em termos de categorias e

pressuposições bíblicas. Você pode dizer: “Mas isso quer dizer que você quer impor suas crenças sobre mim”. Sim! Mas o que há de errado nisso? Por qual parâmetro absoluto e universal de ética você afirma que é errado eu “impor” as minhas crenças em você? Como quer que você chame isso, os cristãos estão fazendo isto pela autoridade de Deus – é ele quem te ordena a se voltar das suas crenças atuais para afirmar o Cristianismo, concordar com tudo o que as Escrituras ensinam (Atos 17:30). Se ele tem misericórdia de você, então ele lhe vai conceder arrependimento e fé (2Timóteo 2:25; Efésios 2:8); se não, você será incapaz de crer no evangelho, e Deus o condenará ao inferno para sempre. De qualquer maneira, você está completamente à mercê dele, e completamente desamparado sem ele.

Contudo, aos cristãos não é permitido “impor” suas crenças sobre outras pessoas pela violência física, visto que o reino de Cristo não é deste mundo (João 18:36; 2Coríntios 10:3-4). Antes, defendemos os ensinamentos bíblicos e refutamos os ensinamentos antibíblicos, promovendo ocasiões nas quais Deus possa mudar as mentes das pessoas de acordo com a sua soberana vontade. Se você disser que eu estou “impondo” minhas crenças sobre você, então que seja; contudo, se você falar contra o que eu estou fazendo, então você estaria impondo as suas crenças sobre mim! Todavia, você não vai escapar da violência para sempre, porque se você não se arrepender, Deus vai te mandar para um lugar onde nada haverá além de constante violência contra a sua alma e o seu corpo (Mateus 10:28).

Não-cristãos irão amiúde usar pressão política para suprimir o ensino bíblico, dificultando para os cristãos espalhar o evangelho e amadurecer os santos. Em suas tentativas para fazer isso, algumas vezes eles irão até distorcer a intenção original de leis já existentes e fazer falsas acusações contra os crentes. A jovem escrava estava fazendo dinheiro para os seus senhores por um espírito de adivinhação, e quando Paulo expeliu esse espírito dela, ele também destruiu essa fonte de renda para os seus patrões. Então, os patrões arrastaram Paulo e Silas diante das autoridades e fizeram falsas acusações contra eles juntamente com uma multidão, e os magistrados ordenaram que os pregadores fossem açoitados.

É claro que cristãos ainda são fisicamente atacados em muitos lugares hoje. Mas mesmo em lugares onde se espera que haja liberdade religiosa, as pessoas geralmente aplicam pressões políticas contra ensinamentos e práticas cristãs. Algumas delas querem que o governo reconheça até a leitura de passagens bíblicas contra a homossexualidade como “discurso de ódio” que tem que ser suprimido. Algumas delas processam cristãos que disciplinam seus filhos com a vara, acusando-os de praticar “abusos contra criança”. Os cristãos devem ter em mente que os não-cristãos não são boas pessoas – nenhum deles é bom.<sup>2</sup> Se eles pudessem ter o seu próprio caminho, atirariam fora qualquer restrição bíblica de sobre si. Eles querem legislar para Deus e a Cristandade a partir das suas vidas. Mas Deus se ri dessa gente, e ele irá fazê-las em pedaços (Salmos 2).

Os cristãos devem usualmente obedecer todas as leis de seu governo, ainda que essas leis sejam injustas e opressivas. Então nós pagamos os impostos e obedecemos outras exigências que o governo impõe. Mas quando as ordenanças dos homens tornarem impossível obedecer as ordenanças de Deus, então os cristãos devem obedecer a Deus ao invés do Governo (Atos 5:29). Na providência de Deus, haverá algumas vezes leis das quais os cristãos podem tirar vantagem para garantir a si mesmos uma medida de proteção e conveniência, de maneira que possam continuar a pregar e a praticar a fé bíblica em paz. Os cristãos podem tirar vantagem e

---

<sup>2</sup> Os não-cristãos certamente definiriam “bom” de um modo que se aplicasse a eles mesmos, mas a verdadeira definição de “bom” tem que ser tirada da Bíblia.



participar das provisões legais disponíveis para acrescentar, mudar e dar cumprimento a leis que preservem nossa liberdade religiosa. Isso inclui sair para votar e candidatar-se a cargos públicos.

Contudo, qualquer vantagem que o cristão possa ganhar do governo é superficial – o poder de Deus não repousa sobre políticos, mas na mensagem do evangelho, porque é pelo evangelho que ele soberanamente muda as mentes dos homens (Romanos 1:16). Por outro lado, qualquer vantagem legal que os não-cristãos tenham contra nós também é superficial – nenhum governo pode frustrar os planos de Deus. A disseminação do evangelho em última análise depende da divina soberania, e não do esforço ou legislação humanos, e Cristo determinou que as portas do inferno não resistirão contra os poderosos ataques da igreja (Mateus 16:18). Em qualquer era, a luz da igreja pode brilhar mais forte ou mais fraca, de acordo com o plano soberano de Deus, mas ele decretou que essa luz jamais será extinta. Em todo caso, a nossa responsabilidade é obedecer aos mandamentos de Deus, isto é, pregar o evangelho com fé e persistência, e suplicar a ele em oração para que a sua palavra tenha livre curso neste mundo.

Se Deus escolhe nos conceder como crentes quaisquer direitos legais pela sua providência, então podemos tirar total vantagem deles, mas perseguição legal sempre irá ocorrer na medida em que fielmente pregarmos e praticarmos a nossa fé (v. 35-39). Quando isso acontece, é fácil se tornar medroso e desencorajado, mas a Bíblia ensina a nos regozijarmos. Em que base devemos nos regozijar quando formos perseguidos por causa da nossa fé? As Escrituras dizem que exatamente como é Deus quem soberanamente nos concede fé em Cristo, é Deus quem soberanamente nos concede sofrer por Cristo (Filipenses 1:29). Mas Pedro nos lembra que quando você sofre desse modo, se certifique de que não está sendo perseguido por causa de algum crime que você cometeu, tal como assassinato ou roubo, mas que seja por alguma coisa que você fez pelo evangelho (1Pedro 4:15-16).

Certamente, qualquer perseguição legal contra os cristãos somente pode ocorrer da maneira em que Deus a tiver decretado, e ele pode fazer com a situação como quer que ele queira. Em Filipos, Paulo e Silas foram enviados para a prisão, mas eles demonstraram a sua fé ao começar a orar e a cantar a Deus. Então, Deus demonstrou o seu poder enviando um grande terremoto que abalou até as fundações da prisão. Isso não foi coincidência, uma vez que se Deus controla todas as coisas, então realmente não existem coincidências neste mundo no sentido que nada acontece “por acaso” sem um decreto ativo de Deus. E mais, todas as portas da prisão foram abertas, e todas as correntes foram soltas dos presos. O carcereiro ficou chocado com essa intervenção divina, e perguntou a Paulo e Silas sobre o caminho da salvação. Então, quando eles foram libertados, eles se encontraram novamente com os convertidos e *os encorajaram!* Esses homens nunca permitiram que pressão e perseguição os distraíssem de sua missão – pregar o evangelho e amadurecer os santos.

### **FILIPENSES 1:1-2**

***Paulo e Timóteo, servos de Cristo Jesus, a todos os santos em Cristo Jesus em Filipos, com os bispos e diáconos: A vocês, graça e paz da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo.***

Mesmo tendo enfrentado violenta oposição em Filipos, de acordo com a providência de Deus Paulo trabalhou para estabelecer uma igreja ali em aproximadamente 51 d.C. Ele está escrevendo essa carta para os Filipenses mais provavelmente cerca de dez anos após isso, enquanto é prisioneiro em Roma. Nessa altura, o que havia começado como uma pequena igreja, estabelecida sob circunstâncias turbulentas, havia se desenvolvido numa florescente

congregação. De um modo geral Paulo está satisfeito com essa igreja, e o seu propósito principal não é reprovar algum pecado que eles tenham cometido ou alguma heresia que eles tenham adotado, mas agradecer-lhes por uma doação financeira. Contudo, ele usa essa ocasião para encorajá-los na fé, e para lembrar-lhes de diversas coisas importantes.

Paulo dirige sua carta aos “santos. . . juntamente com os bispos e diáconos”. Ele faz especial menção aos bispos e diáconos, possivelmente porque eles tinham um papel proeminente em iniciar e coletar a doação financeira para Paulo. Os bispos e diáconos não formam um grupo fora dos outros crentes; antes, “os santos” consistem do grupo inteiro, com todos os membros da igreja, e dentro desse grupo encontramos bispos e diáconos. Ou seja, Paulo está escrevendo aos santos, “juntamente com” ou *incluindo* os bispos e diáconos.

A palavra “santos” se refere a todos os cristãos, e não a um seletivo grupo de elite espiritual. O termo acentua o fato que todos os cristãos foram consagrados por Deus para o servir. Portanto, quando Paulo dirige a sua carta aos “santos... em Filipos”, ele quer dizer “o povo consagrado de Deus” ou “povo santo de Deus” em Filipos, referindo-se a todos os cristãos dali.

A palavra é teologicamente significativa, uma vez que ela indica que os cristãos não são como outras pessoas, de modo que eles não deveriam pensar ou se comportar como as outras pessoas. Deus as escolheu e reservou para si mesmo. Naturalmente, os cristãos recebem a sua condição especial não porque eles sejam mais merecedores em si mesmos, mas porque Deus soberanamente decidiu salvá-los dos seus pecados.

Em contraste, todos os não-cristãos são como cães e porcos, e bestas estúpidas (Salmos 32:9; 49:20 e Mateus 7:6; 15:26; Filipenses 3:2; Apocalipse 22:15). Muitos cristãos professos ficariam horrorizados com tal catalogação de todos os não-cristãos, mas isso é somente porque os próprios não-cristãos influenciaram os cristãos a pensar muito bem dos não-cristãos. Em nossos dias, cristãos professos tendem a pensar que não-cristãos podem ser maus, mas não tão maus, e alguns provavelmente são gente muito boa. Se você pensa assim, então provavelmente você mesmo não seja um cristão, visto que isso mostra que você não compreende nem mesmo uma premissa básica do evangelho: a de que todos os homens são depravados, e que eles não podem escapar ao fogo do inferno, a menos que Deus soberanamente os salve.

Se você pode se chamar de cristão, então porque fica horrorizado quando eu uso expressões bíblicas para descrever os não-cristãos? É porque você foi ensinado a pensar sobre os não-cristãos pelos próprios não-cristãos, e não pela Bíblia. Claro que um não-cristão não vai lhe dizer para pensar nele como um cão ou um porco, mas o que a Bíblia diz? Em todo caso, se você é um cristão, então você é um do povo santo de Deus, e não deveria pensar e comportar-se como os não-cristãos, a quem as Escrituras se referem como bestas estúpidas.

Como os filipenses se tornaram santos? Paulo se dirige a eles como “santos *em Cristo Jesus*”. Voltando a Atos 16, Lídia se denomina “uma crente no Senhor” (15), e Paulo diz ao carcereiro para “crer no Senhor Jesus” (v. 31). Mas eles foram capazes de crer apenas porque Deus soberanamente mudou suas mentes e lhes concedeu fé. Portanto, os santos são aqueles que foram escolhidos por Deus e justificados pela fé. Fora da soberana graça de Deus, não há acesso a Cristo (Atos 4:12). Cristãos são aqueles que Deus tem soberanamente mudado de pecadores para santos.

Os “bispos” são os líderes da igreja, e são idênticos àqueles a quem a Escritura em outros lugares chama de “presbíteros”. Quando Paulo se dirige aos “presbíteros” de Éfeso ele os chama também de “bispos” (Atos 20:17, 28), e ele usa o termo “presbítero” e “bispo” intercaladamente em sua carta a Tito (Tito 1:5-7). Do mesmo modo, Pedro exorta os “presbíteros” a servir como “bispos” sobre o rebanho de Deus (1Pedro 5:2). Enquanto o termo “ancião” [presbítero] foi adaptado do uso hebraico e enfatiza a autoridade e maturidade desses líderes,<sup>3</sup> <sup>4</sup> o termo “bispo” foi adaptado do uso romano e acentua suas funções e responsabilidades.<sup>5</sup> Por outro lado, “bispo” (KJV) é apenas mais uma tradução para “supervisor”, de forma que “presbíteros”, “supervisores” e “bispos” se referem todos ao mesmo grupo de pessoas. Na seqüência, usarei somente “presbítero” e “presbíteros”.

Os apóstolos estavam ansiosos para indicar anciãos onde eles estabeleciam igrejas, e cada igreja tinha diversos anciãos (Atos 11:30; 14:23; 20:17; 21:18 e Tito 1:5). Uma vez que algumas pessoas têm tirado daí conclusões desautorizadas, iremos brevemente sumarizar as implicações próprias do princípio da liderança múltipla.

Naqueles dias os crentes se reuniam em suas casas, formando o que nós podemos chamar de “grupos domésticos” ou “igrejas domésticas”, e quando o Novo Testamento se refere a uma igreja, está se referindo a todos os grupos domésticos em uma cidade maior ou menor, e não a um grupo doméstico. Portanto, dizer que cada “igreja” deveria ter diversos anciãos não requer dizer que cada “grupo” tinha diversos presbíteros.

Uma aplicação moderna parece implicar no seguinte. Dentro de uma organização (“igreja”), deve haver diversos presbíteros. Cada presbítero deve estar ligado a um grupo de membros que ele supervisiona. Na medida em que uma organização cresce, deveriam ser indicados mais presbíteros para supervisionar novos grupos que tenham se formado. Ainda que cada grupo dentro dessa organização requeira somente um presbítero, se um grupo cresce demais para um presbítero cuidar, então a organização deve indicar presbíteros a mais para adequadamente supervisionar o grupo.

Em outras palavras, o modelo do Novo Testamento não exige que cada grupo que se reúne deva ter mais de um presbítero, mas que cada “igreja” tenha mais de um. Entretanto, os apóstolos não indicavam diversos anciãos em uma igreja apenas para ter mais que um; mais propriamente, além de outras razões possíveis tais como confiabilidade, eles fizeram isso porque havia necessidade de diversos presbíteros. E mais, o Novo Testamento proíbe a indicação de pessoas não qualificadas para presbíteros, e às vezes leva anos para as pessoas desenvolverem as qualificações necessárias. Nesses casos, ter apenas um presbítero é melhor que entregar autoridade espiritual a pessoas não qualificadas que podem acabar destruindo a igreja. Contudo, o presbítero existente deve ensinar e guiar a congregação com a intenção de levantar pessoas qualificadas para se tornarem presbíteros.

A pluralidade na liderança não elimina o lugar de ancião principal ou líder (Êxodo 18:19-22). Por exemplo, embora os Doze fossem apóstolos, Pedro era consistentemente o principal

<sup>3</sup> Jay E. Adams, *The Use of the Rod and the Staff*; Timeless Texts, 2003; p 4. Mesmo que muitos crentes maduros possam ser pessoas de idade, o termo “ancião” acentua maturidade espiritual, e não quer dizer que apenas pessoas idosas possam se tornar líderes na igreja. Timóteo era um jovem ancião. Em qualquer situação, qualquer candidato à liderança deve satisfazer os requerimentos bíblicos da sua idade.

<sup>4</sup> Nota do tradutor: A palavra usada pelo autor (*elder*) pode significar tanto “presbítero” como “ancião”. Na Bíblia, “presbítero” é um sinônimo de “ancião”, mas apenas “ancião” transmite a idéia de pessoa idosa.

<sup>5</sup> Gene A. Getz, *Elders and Leaders*; Moody Publishers, 2003; p. 183-188.

porta-voz do grupo. Do mesmo modo, Paulo era o principal porta-voz entre os seus companheiros, e Tiago era o líder entre os anciãos de Jerusalém (Atos 1:15; 14:12; 15:13-21; Gálatas 2:9). Concordemente, uma pessoa pode trabalhar como o líder entre os presbíteros em uma igreja, embora todos eles sejam anciãos.<sup>6</sup>

A tarefa dobrada do presbítero é ensinar e dirigir a igreja (Tessalonicenses 5:12-13; 1Timóteo 5:17; Hebreus 13:7-17). Suas responsabilidades e autoridades são doutrinárias e diretivas.

Quanto à doutrina, o presbítero precisa ensinar doutrina firme e refutar aqueles que se oponham a ela (Tito 1:9). Em termos contemporâneos, ele deve ser diligente e competente em teologia e apologética. Um problema com as igrejas modernas é que os líderes são mais fracos precisamente nessas duas áreas, e eles pioram o assunto minimizando a sua importância. Eles trabalham duro promovendo reformas sociais, mas isso é suficiente apenas para fazê-los humanistas. Eles podem advogar relacionamentos amorosos, mas sem lançar um fundamento bíblico, eles não podem definir amor. E se eles alguma vez pregarem sobre a unidade de toda a espécie humana, saberemos que eles são não-cristãos, pois que associação pode a luz ter com as trevas (2Coríntios 6:14)?

Teologia tem que vir primeiro, e a apologética deve vir durante todo o tempo com ela. Se um ancião falhar em promover essas duas coisas, ele não está desempenhando sua função bíblica, e o conselho dos presbíteros da igreja deveria removê-lo do ofício. Se todos os presbíteros numa igreja falham em promover essas duas coisas, então todo o conselho deve ser substituído por homens qualificados, ou então a organização não é uma igreja bíblica, de forma alguma. Os presbíteros da sua igreja promovem teologia bíblica e apologética bíblica? Se não, baseados em que eles são qualificados como presbíteros, e sobre que bases eles exercem autoridade na igreja? A menos que a igreja ensine e defenda a teologia cristã, você não pode ter certeza de que ela seja ao menos uma igreja cristã.

Um presbítero tem que primeiro ensinar a palavra de Deus como um ato de adoração. À medida que ele explica as palavras da Escritura, ele honra a sabedoria de Deus, se submete à autoridade de Deus, e chama seus ouvintes para fazerem o mesmo. E mais, Deus ordena ao presbítero que guarde a mensagem do evangelho – o presbítero deve manter a sua pureza e assegurar a sua perpetuidade. Paulo escreve: “E o que de mim ouviste, através de muitas testemunhas, isso transmite a homens fiéis, e também idôneos para instruir a outros” (2Timóteo 2:2; 1Timóteo 6:20; 2Timóteo 1:14). Muitos presbíteros tendem a focalizar nos interesses imediatos e práticos do seu povo, e perdem de vista o seu dever maior, que é preservar doutrina sólida para a geração atual e as futuras. A igreja é “a coluna e o alicerce da verdade” (1Timóteo 3:15).

Certamente, se andar atrás dos interesses práticos e imediatos das pessoas faz com que alguém perca de vista seus deveres bíblicos, então o mais provável é que ele não esteja realmente andando atrás dos interesses imediatos e práticos de um modo bíblico em primeiro lugar. Como Herman Hoeksema disse: “Se você me perguntar o que, em nossos tempos, o nosso povo precisa acima de tudo, em primeiro lugar, minha resposta é: Doutrina! Se você me perguntar o que eles precisam em segundo lugar, eu digo: Doutrina! Se você me perguntar o que eles precisam em terceiro lugar, eu digo: Doutrina!”.<sup>7</sup> Ele disse isso em 1922, mas a instrução doutrinária é tão muito mais desesperadamente necessária hoje, que é um crime

<sup>6</sup> Ibid., p. 217-226.

<sup>7</sup> Herman Hoeksema, *Believers and Their Seed*; Reformed Free Publishing Association, 1997; p. vii.

despender quaisquer recursos para sustentar igrejas e ministérios que esvaziem a importância da teologia. Se você não doutrinar primeiro, então tudo que você fizer irá resultar em confusão e futilidade. Se você é um presbítero da igreja, você tem que praticar o seu ministério doutrinário de um modo que venha a preservar a sã doutrina para essa geração e levantar presbíteros para a próxima, que então irão ensinar a sã doutrina às suas gerações.

No que diz respeito à direção, Cristo deu autoridade aos presbíteros para dirigir os negócios da igreja de modo a promover e reforçar a doutrina correta, a adoração correta, o viver correto e a ordem correta, até o ponto de expulsar da comunidade membros sem arrependimento e causadores de dissensões.

Jesus diz que os crentes devem tentar resolver conflitos particulares em particular. Se isso falhar, os crentes devem escalar o assunto até que eles “contem-no à igreja” (Mateus 18:17). Embora a palavra traduzida como “igreja” (*ekklesia*, ou “assembléia”) possa se referir a todos os membros na organização, ela nem sempre significa isso; antes, a palavra pode às vezes se referir aos líderes, aos representantes ou aos presbíteros entre o povo. A palavra muitas vezes se referia a um “assembléia” de líderes no uso romano, e o Sinédrio judaico numa sinagoga local era uma “assembléia” legal.<sup>8</sup> O que a palavra significa num caso particular depende do contexto.

Em Êxodo 19, quando Deus diz a Moisés para passar algumas instruções ao “povo de Israel” (Êxodo 19:3), Moisés então aparentemente chama somente “os anciãos do povo” para ouvir a mensagem (v. 7), e isso é suficiente porque os anciãos [presbíteros] são os representantes autorizados do povo. Alguma coisa semelhante parece ocorrer em Deuteronômio 31, onde a passagem parece equalizar “todos os anciãos” (v. 28) à “toda a assembléia de Israel” (v. 30), porque os anciãos representam todos os membros da comunidade. Então em Atos 19, enquanto a palavra “assembléia” se refere a uma multidão indomada no verso 32, a mesma palavra se refere a uma “assembléia” legal ou conselho de uma cidade no versículo 39.

Quanto a Mateus 18, o contexto parece exigir que compreendamos a “igreja” ou “assembléia” como o conselho de presbíteros, e não como todos os membros na organização. Isso porque o verso 19 e o 20 indicam que quando o assunto já escalou até o nível mais alto, ele deve ser resolvido por poucas pessoas como “duas ou três”. Se por “dizer à igreja” Jesus quer dizer todos os membros da organização, alguém se daria conta de que haveria mais que “duas ou três” para resolver o assunto.<sup>9</sup> Contudo, visto que Jesus diz que “duas ou três” pessoas decidiriam o assunto, parece que por “dizer à igreja” ele quer dizer contar aos presbíteros.<sup>10</sup>

---

<sup>8</sup> Getz, p. 197-198

<sup>9</sup> Muitas pessoas tentam usar essa passagem para ensinar o poder da “oração corporativa” ou “a oração de concordância”, mas o contexto é apenas sobre disciplina na igreja. Em todo caso, a Bíblia não ensina que “oração corporativa” ou “a oração de concordância” tenha qualquer vantagem sobre a oração individual; ela não ensina que Deus concede maiores respostas a orações que venham de um maior número de pessoas. De fato, parece que o reverso pode ser verdadeiro, visto que as respostas mais espetaculares a orações registradas nas Escrituras ocorreram quando apenas uma pessoa orou (Josué 10:12-13; 1Reis 18:36-38; 42-45). O ponto é que Deus responde quando oramos de acordo com a vontade dele (1João 5:14-15), não importa quão poucas ou muitas pessoas estejam orando; ele não responde só porque o pedido é popular. Veja também Vincent Cheung, *Prayer and Revelation*.

<sup>10</sup> Jay E. Adams, *Handbook of Church Discipline*; Zondervan Publishing House, 1986, p. 69. Ele escreve: “Esse é provavelmente o significado de ‘dizer à igreja’: dizer à igreja dizendo aos anciãos do Novo Israel”.

Portanto, podemos concluir que a mais alta autoridade humana na igreja é o conselho de presbíteros,<sup>11</sup> e Jesus assegura que enquanto governam, eles têm a atenção do Pai, a presença do Filho e o apoio dos céus (18:20). Isto é, suas ações são confirmadas. Embora a sua autoridade seja espiritual na natureza, de modo que eles não têm nenhuma autoridade para reforçar suas decisões através de castigos físicos ou meios violentos, a autoridade deles não é menos real e temível, uma vez que o Pai e o Filho responderão ao chamado dos presbíteros para confirmarem as suas decisões (v. 19).

Mateus 18 começa a partir de uma transgressão pessoal, e sob a recusa de arrependimento, escala o assunto até que ele finalmente chega aos presbíteros, que é o estágio final em Mateus 18. Mas se o assunto já é de conhecimento público (1Coríntios 5:1), então ele pode ser encaminhado diretamente aos presbíteros para uma decisão (v. 3). Se uma verdadeira transgressão de fato ocorreu, e a pessoa se recusa ao arrependimento, então os presbíteros têm autoridade para eliminá-la da comunidade (v. 4-5).

Certamente, embora os presbíteros tomem as decisões finais, é sempre bom informar a igreja dessas decisões, e instruí-los sobre como agir de acordo com elas. Por exemplo, se os presbíteros decidem que a igreja deve eliminar uma pessoa não-arrependida da comunhão, sempre se faz necessário instruir toda a congregação a evitar essa pessoa, depois do que, qualquer membro que desobedeça, fica sujeito à disciplina da igreja.

Muitas pessoas hoje desprezam a autoridade, e certamente não irão honrar as decisões dos presbíteros da igreja. Se essa é a sua atitude, então talvez você devesse reconsiderar a sua profissão de fé, para ver se ela é genuína. A autoridade dos presbíteros foi concedida a eles por Cristo, e você não pode se opor impunemente. De fato, aqueles assuntos pelos quais cristãos professos algumas vezes processam uns aos outros deveriam ser decididos pelos presbíteros da igreja ao invés de por juízes pagãos (1Coríntios 6:1).

Exatamente como muitas pessoas falham em obedecer à autoridade da igreja, muitos presbíteros falham ao exercitar sua autoridade para a honra de Cristo e o bem da igreja. Por exemplo, até os assim chamados líderes cristãos conservadores diriam que a atitude da igreja para com os homossexuais deveria ser de “receber bem sem apoiar.” Contudo, dependendo do que alguém queira dizer com isso, a expressão é tanto muito confusa como completamente antibíblica. Sempre se discute que Jesus “recebeu bem” a todos sem apoiar o comportamento ou o estilo de vida da pessoa; porém, as Escrituras não separam a pessoa do seu comportamento, contrário ao que muita gente pensa. Antes, João diz: “Não vos deixeis enganar por ninguém” – a verdade é que aquele que faz o que é justo é justo, e aquele que faz o que é pecaminoso é do diabo (1João 3:7-8). Uma vez que as Escrituras definem o homossexualismo como pecado, o homossexual não arrependido é do diabo.

Não é verdade que Jesus “deu as boas vindas” a qualquer um; mais ainda, ele recebeu bem apenas os arrependidos. É verdade que muitos daqueles que ele recebeu bem tinham sido grandes pecadores, e isso dá ao pensador descuidado a idéia de que ele deu as boas vindas a pecadores sem exigir arrependimento. Mas ele exigiu arrependimento, e recebeu bem somente aqueles que haviam se tornado dos seus pecados, e não aqueles que neles permaneceram.

Do mesmo modo, a igreja deve receber bem qualquer pecador arrependido, não importa o que ele tenha feito antes da sua conversão, mas não pode receber qualquer um que se recuse a se

---

<sup>11</sup> A mais alta autoridade com que temos contato direto são as Escrituras.

arrepender. A igreja não tem o direito de receber ou confraternizar com um homossexual que continue a ser um homossexual, e que pensa que é aceitável a Deus ele permanecer um homossexual. Paulo insiste em que todos os homossexuais irão para o inferno, e nos adverte para que não nos deixemos enganar quanto a isso (1Coríntios 6:9).

É claro, estou usando os homossexuais somente como um exemplo; a Escritura arrolam muitos outros pecadores condenáveis, tais como os adúlteros, ladrões, caluniadores, hereges, assassinos, feiticeiros e mentirosos (1Coríntios 6:9-10; Gálatas 5:19-21; Apocalipse 21:8). O essencial é que os presbíteros da igreja devem usar sua autoridade para confrontar essas pessoas e exigir o seu arrependimento. Eles têm que fazer isso não somente quando diz respeito a alguma coisa que eles considerem especialmente vil, como a pedofilia, mas algo como uma insistente negação da infalibilidade da Bíblia seria suficiente para expulsar alguém da igreja. De fato, a negação da infalibilidade bíblica é muito pior que a pedofilia, visto que a pedofilia é errada somente porque os preceitos bíblicos a definem como errada. Portanto, negar a infalibilidade bíblica é desafiar a autoridade de Cristo e da igreja, e os presbíteros têm que confrontar esse tipo de rebelião.

Outro pecado que muitos presbíteros falham em confrontar é como cristãos professos frequentemente abusam do nome de Deus, de forma que eles o usam para jurar, ao invés de o reservar para orações e conversações reverentes. Seja qual for a transgressão – se primariamente doutrinária ou moral – os presbíteros da igreja têm autoridade para “repreendê-los severamente, para que sejam sadios na fé” (Tito 1:13), e aqueles que recusam se arrepender devem ser removidos da comunidade.

Falsos mestres podem ser expostos em público e denunciados por nome, uma vez que eles já tornaram públicas as suas falsas doutrinas (1Timóteo 1:20; 2Timóteo 2:17-18; 4:14; 3João 9-10). Algumas pessoas pensam que deveríamos proteger as identidades dos falsos mestres quando os criticamos, e que devíamos separar os falsos mestres dos seus ensinamentos, mas isso é antibíblico. As Escrituras ordenam que os presbíteros protejam o seu povo dos “lobos selvagens” (Atos 20:29), e isso inclui expô-los pelos nomes, além de explicar a falsa doutrina e refutá-las. Os presbíteros precisam guardar zelosamente a mensagem do evangelho e a preservar para as futuras gerações, e isso envolve ensinar os crentes, expor os hereges, e expulsar os não-arrepentidos.

Nós estamos falando da tarefa dobrada dos anciãos, e especificamente sobre a responsabilidade que eles têm de dirigir os assuntos da igreja. Naturalmente, os presbíteros nem sempre tratam com situações extremas que exijam drásticas reações, mas a sua jurisdição inclui coisas do dia a dia. Por exemplo, eles têm que fazer muita estratégia espiritual e decisões financeiras, tais como aquelas que afetam os programas e a política da igreja, e várias outras coisas. Todas as suas decisões têm que contribuir para a honra de Cristo e a saúde da igreja (2Coríntios 10:8). Mas o nosso conhecimento do que promove a honra de Cristo e a saúde da igreja vem somente das Escrituras; portanto, a autoridade e responsabilidade direcional dos presbíteros de fato repousam na autoridade e responsabilidade doutrinária deles. Então, novamente, a doutrina tem que vir primeiro.

Assim como os presbíteros têm autoridade para dirigir a igreja, os membros têm a responsabilidade de obedecer aos presbíteros. E assim como os presbíteros devem alimentar seu povo com a palavra de Deus, o povo deve dar aos presbíteros completo sustento financeiro.

Paulo escreve, “agora vos rogamos irmãos que acateis com apreço os que trabalham entre vós, e que vos presidem no Senhor e vos admoestam; e que os tenhais em amor em máxima consideração, por causa do trabalho que realizam” (1 Tessalonicenses 5:12-13, NASB).<sup>12</sup> E Hebreus 13:17 diz: “Obedecei a vossos guias e sede submisso para com eles; pois velam por vossas almas, como quem deve prestar contas, para que façam isso com alegria e não gemendo; porque isso não aproveita a vós outros”. A Bíblia te ordena não apenas a respeitar os presbíteros da sua igreja, mas a obedecê-los. Se os seus presbíteros afirmam doutrinas heréticas, ou se eles estão ostensivamente abusando da autoridade para propósitos egoístas, então a sua igreja não é uma igreja bíblica, e você deveria retirar todo o apoio que dá a ela. De outra forma, você não tem nenhuma desculpa para desobedecê-los.

Quanto ao sustento financeiro, as Escrituras dizem que os presbíteros merecem “pagamento dobrado” (GNT),<sup>13</sup> especialmente aqueles que trabalham arduamente no ministério da doutrina: “Devem ser merecedores de dobrada honra os presbíteros que presidem bem, especialmente os que trabalham duro na pregação e no ensino” (1 Timóteo 5:17 NASB).<sup>14</sup> O próximo versículo se refere à paga dos presbíteros como os “salários” de direito, indicando que o que você paga a eles é devido como salário, e que não é apenas uma oferta voluntária: “Porque as Escrituras dizem: ‘Não ates a boca do boi que debu-lha,’ e ‘digno é o trabalhador do seu salário’” (v. 18).

A tarefa dobrada dos presbíteros é ensinar a doutrina e providenciar a direção da igreja; porém, gerenciar a comunidade de uma igreja implica também em muitas tarefas práticas. Se os presbíteros tivessem que desempenhar todas essas tarefas práticas por si mesmos, eles se distrairiam de suas responsabilidades principais. Essa é a razão pela qual as igrejas devem indicar “diáconos” para assistir aos presbíteros, de forma que os presbíteros possam focalizar no seu trabalho.

Na comunidade secular, a palavra “diáconos” (*diakonoi*, ou “servos”) se referia àqueles responsáveis por certos deveres quanto ao bem-estar, como a distribuição de comida e outras doações. A origem do diácono cristão é geralmente tirada de Atos 6, onde lemos que sete homens foram indicados para satisfazer uma necessidade prática na congregação que de outra maneira teria que desviar os apóstolos de seu ministério principal. Os apóstolos afirmaram: “Não seria correto para nós, negligenciarmos o ministério da palavra para servir as mesas” (v. 2). Do mesmo modo, diáconos devem cuidar das tarefas práticas na igreja para que os presbíteros possam focalizar sobre o ministério da palavra.

Os diáconos existem como “servos” e assistentes dos presbíteros. Eles não têm o nível de autoridade que os presbíteros têm, e eles certamente não têm autoridade sobre os presbíteros. Visto que isso é verdade, é antibíblico para uma igreja ter uma “junta diaconal” que governe acima do “pastor” e da igreja. Em primeiro lugar, um conselho que governe acima da igreja é mais propriamente chamado de “junta de *presbíteros*”. Em adição, essas “juntas diaconais” na maioria das vezes consistem de homens de negócios não-espirituais que nem se quer são qualificados para servir como diáconos, muito menos para governar sobre a igreja e os presbíteros.

<sup>12</sup> Note como o versículo 12 se refere à tarefa dobrada dos presbíteros, que eles são “encarregados sobre vocês” e “Ihes dão instrução”.

<sup>13</sup> Veja Vincent Cheung, *Commentary on Malachi*, capítulo 8.

<sup>14</sup> Novamente, note e referência à tarefa dobrada dos anciãos.



Os diáconos existem para satisfazer as necessidades práticas da igreja, e eles podem ser em número tanto quanto necessário. Algumas pessoas podem até servir como diáconos temporários, de forma que, quando uma necessidade prática que exija mais diáconos do que aqueles que a igreja já tem aparece, os presbíteros podem indicar mais deles. Uma vez que essa necessidade temporária tenha sido contornada, essas pessoas podem parar de servir como diáconos. Visto que as suas qualificações bíblicas parecem ser tão elevadas quanto as dos presbíteros (1Timóteo 3:8-12), os diáconos podem desempenhar uma variedade de tarefas na igreja, e podem até mesmo exercer uma medida de autoridade delegada recebida dos presbíteros. Contudo, diáconos não são presbíteros, e não deveriam habitualmente desempenhar funções que os próprios presbíteros deveriam realizar. Os diáconos não estão lá para fazer toda a obra dos presbíteros, mas principalmente o trabalho prático que poderia atrasar os presbíteros no atendimento do ministério da pregação e do ensino.

Os diáconos nunca deveriam ser indicados porque os presbíteros pensam que certas tarefas estão “abaixo” deles. Depois que Jesus desempenhou a humilde tarefa de lavar os pés dos seus discípulos para dar o exemplo, ele diz: “Em verdade vos digo, nem um é maior que o seu senhor, e nem um mensageiro maior que aquele que o enviou” (João 13:5-16). Portanto, ter o cargo de presbítero, não põe alguém acima nem mesmo da mais servil e humilde das tarefas. Embora um presbítero devesse no geral evitar gastar muito tempo em tarefas que o distrairiam do ministério da doutrinação, se ele pensa que é muito importante para limpar uma toailete ou passar o rodo, ou se ele pensa que está abaixo de si empurrar móveis pesados ou servir comida aos famintos, então ele não está qualificado para ser presbítero. A igreja não tem lugar para tais “servos” arrogantes! Antes, os diáconos deveriam ser indicados porque os presbíteros reconhecerem as suas próprias limitações, que eles não podem fazer tudo na igreja e ainda permanecer fiéis ao seu ministério.

Qualquer homem crente pode se tornar um presbítero na igreja. Paulo escreve: “Eu não permito que a mulher ensine ou que tenha autoridade sobre o homem” (1Timóteo 2:12). Uma vez que essa proibição corresponde à tarefa dobrada de um presbítero da igreja (ensinar e presidir), o versículo parece proibir as mulheres de se tornarem anciãs. Naturalmente, as feministas são contra isso, mas as Escrituras são contra as feministas. E se você não gosta do que as Escrituras dizem, você pode ir e adotar outra religião e ver se ela te leva para o céu.

A única maneira legítima de abrir o ofício de presbítero para as mulheres é se você puder produzir um argumento exegético sólido tirado das Escrituras; os valores culturais contemporâneos não contam para absolutamente nada. Dito isso, todas as igrejas deveriam ter razões bíblicas sadias para permitir e proibir as mulheres de desempenhar vários ministérios. Por um lado, não ousamos permitir que as mulheres façam uma coisa que as Escrituras proíbem; por outro lado, não ousamos proibir as mulheres de fazer alguma coisa que as Escrituras permitem.

Agora, ainda que esteja estabelecido que as mulheres não podem ser anciãs, isso não quer dizer que elas não tenham nenhuma relação com o ofício. Uma vez que a mulher deve ser como uma ajudadora para o seu marido (Gênesis 2. 18), é completa competência do marido decidir que tarefas ela desempenhará para ajudá-lo a maximizar a sua efetividade, desde que as Escrituras não proíbam a mulher de fazê-las. Embora a Escritura proíba a mulher de desempenhar certas tarefas e assumir certas posições, ela oferece a elas amplo espaço para exercitar as suas habilidades no contexto de assistir ao seu marido (Provérbios 31:10-31).

Certamente, isso continua a ser verdade quando o marido é presbítero da igreja, de modo que é da inteira competência do marido decidir como a sua esposa poderá ajudá-lo a maximizar sua efetividade como presbítero da igreja, providenciar que ele não diga para ela fazer algo que as Escrituras a proibam de fazer. Ainda que esse princípio possa abrir à esposa muitas tarefas relacionadas ao ministério, ele também quer dizer que se o marido decide que a esposa pode assisti-lo melhor sendo uma boa dona de casa, que ele pode maximizar as suas efetividades como presbítero quando a esposa cuida de muitas das coisas em casa, então isso é o que a esposa deve fazer.

Tratando da posição de diácono, devemos primeiro nos certificar de que estamos usando a definição correta. Como mencionado, os “diáconos” em algumas igrejas estão na realidade funcionando como presbíteros, e dado essa falsa definição de diácono, o cargo deveria ser fechado às mulheres. Contudo, dissemos que os presbíteros são aqueles que têm autoridade, e que os diáconos são apenas seus assistentes. Em outras palavras, os presbíteros são os líderes e os diáconos são os assistentes. Dada essa definição de diácono, fica parecendo que os presbíteros de uma igreja têm permissão para indicar mulheres como diaconisas sempre que for apropriado.<sup>15</sup>

Contudo, alguns teólogos discordam e dizem que somente homens podem ser diáconos. A maneira que uma igreja decide sobre esse assunto deve ser estabelecida por uma exegese bíblica sadia, e não por capitular aos valores culturais de nossos dias. Em todo caso, se as mulheres podem ser anciãs é muito mais importante e deveria ser estabelecido primeiro, uma vez que os anciãos [presbíteros] manejam exercem uma autoridade na igreja.

Certamente, apenas porque qualquer homem crente pode potencialmente se tornar presbítero da igreja não quer dizer que qualquer homem crente possa realmente se tornar um ancião – ele precisa satisfazer as qualificações. O mesmo é verdade com qualquer um que seja candidato para a posição de diácono – ele deve satisfazer as qualificações. Paulo lista essas qualificações em 1Timóteo 3:1-13 e Tito 1:6-9. Sem entrar em detalhes, essas passagens enumeram as qualificações que tratam do caráter, doutrina e a vida no lar dos candidatos. Note-se que os candidatos precisam estar efetivamente dirigindo suas próprias famílias, qualificação esta que mais provavelmente requer da igreja examinar e entrevistar as esposas e filhos dos candidatos.

Talvez possa surpreender a algumas pessoas que as qualificações para ser diácono pareçam ser tão altas como aquelas para se tornar um presbítero. Mas isso não devia ser tão chocante, uma vez que os diáconos são destinados a assistirem os presbíteros, e indicar indivíduos inferiores sempre pode gerar problemas adicionais para os presbíteros, ao invés de lhes reduzir a carga. Todavia, um presbítero é um presbítero e um diácono é um diácono, e eles diferem em autoridade e responsabilidade. Se um candidato é promissor, mas é deficiente de algumas maneiras, a igreja pode não conceder a ele imediatamente uma posição, seja de presbítero ou diácono, mas ela deveria considerar o treiná-lo de modo que ele esteja pronto para uma posição no futuro.

O desejo de ser presbítero é bom em si mesmo, desde que seja uma aspiração para desempenhar uma tarefa nobre. Contudo, visto que um presbítero exerce tremenda autoridade na igreja, e especialmente visto que a tarefa do presbítero envolve ensinar doutrina, não muitos crentes deveriam assumir essa posição (Tiago 3:1). Pode ser muito perigoso, tanto para o homem como para a igreja, quando uma pessoa não qualificada se torna presbítero

---

<sup>15</sup> Wayne Grudem, *Systematic Theology*; Zondervan Publishing House, 1994; p. 944-945.

(1Timóteo 3:6-7). Portanto, a igreja tem que se certificar de que o candidato satisfaz as qualificações bíblicas.

Se você deseja ser presbítero na igreja, você deve se examinar para ver se isso é um desejo de servir a Cristo e seu povo, ou se é um desejo de captar poder e ganhar respeito. Mesmo sendo verdade que os crentes devem obedecer aos presbíteros da sua igreja (Hebreus 13:17), essa autoridade não é dada a eles para que possam “dominar sobre” o povo, como fazem os descrentes com seu povo (Mateus 20:25-26). Pelo contrário, essa autoridade é dada para que os presbíteros possam efetivamente edificar a igreja e servir o povo (2Coríntios 10:8).

Jesus diz, “Pelo contrário, quem quiser se tornar grande entre vós, seja vosso servo, e quem quiser ser o primeiro entre vós, seja vosso servo” (Mateus 20:26-27). Isso quer dizer que os líderes da igreja não são realmente “grandes” ou “primeiros” em algum sentido? Não, visto que então Jesus cita a si mesmo como um exemplo no versículo seguinte (v. 28), e ele era sem dúvida “grande” e “primeiro”. O que ele está dizendo é que, diferentemente dos dirigentes pagãos, mesmo os líderes da igreja tendo genuína autoridade, eles devem servir aos outros ao invés de fazer com que os outros os sirvam. Se você quiser ser o “primeiro”, então você deve trabalhar *como um escravo*, para fazer avançar o reino e aperfeiçoar os santos. Isso é verdade especialmente quanto ao líder principal num ministério.

Contudo, se você deseja a posição de presbítero porque quer obter algum benefício pessoal dela, então você não é um verdadeiro pastor, mas seria como um “mercenário” sem valor, que foge dos lobos, em vez de seguir o exemplo de Cristo, dando a sua vida pelas ovelhas (João 10:12).

Em todo caso, se você quer ser presbítero por motivos egoístas, provavelmente ficará extremamente desapontado. Isso porque, ao invés de respeitados e estimados, os líderes da igreja são frequentemente insultados e ultrajados, depreciados e mal remunerados. Apenas leia sobre o povo de Israel sob a liderança de Moisés. Ainda que alguns deles fossem crentes adoradores de Deus e respeitosos para com Moisés, a maioria era de perversos e rebeldes murmuradores, freqüentemente ameaçando se virar contra o seu líder. Naturalmente, a maioria deles não era de verdadeiros crentes, e pereceram no deserto; todavia, eles faziam parte da comunidade da aliança.<sup>16</sup>

Da mesma maneira, a igreja é a comunidade da aliança, consistindo de alguns crentes amadurecidos, muitos crentes imaturos e muitos descrentes que são os falsos conversos.<sup>17</sup> Se você quer ser um líder na comunidade da aliança, então você tem que estar preparado para enfrentar essas pessoas imaturas e perversas. Paulo enfrentou essas pessoas em seus dias, e elas causaram a ele muita angústia, mas ele tinha genuína preocupação pelas igrejas (1Coríntios 11:28; Colossenses 1:24, 2:1). Em todo caso, uma razão pela qual ele elogia os crentes de Filipos é porque eles respeitam e sustentam aqueles que trabalham para o evangelho.

<sup>16</sup> Eles eram unidos por uma ancestralidade e profissão comuns, portanto eles pertenciam à mesma “comunidade da aliança”, mas nem todos eles eram salvos, visto que nem que descenderam do povo eleito foram escolhidos para a salvação (Romanos 9:6-16), e muitos deles fizeram falsas profissões de fé (Isaías 29:13).

<sup>17</sup> Isto é, como Israel, muitas pessoas nas nossas igrejas estão lá porque seus pais pertenceram às igrejas (e mesmo seus pais podem não ter sido salvos), ou porque eles tinham feito falsa profissão de fé.

## 2. PARTICIPANTES NO EVANGELHO

### FILIPENSES 1:3-11, 4:10-19

*Agradeço ao meu Deus toda vez que me lembro de vocês. Em todas as minhas orações, em favor de vocês, sempre oro com alegria por causa da cooperação que vocês têm dado ao evangelho, desde o primeiro dia até agora. Estou convencido de que aquele que começou boa obra em vocês, vai completá-la até o dia de Cristo Jesus.*

*É justo que eu me sinta assim a respeito de todos vocês, uma vez que os tenho em meu coração, pois, quer nas correntes que me prendem, quer defendendo e confirmando o evangelho, todos vocês participam comigo da graça de Deus. Deus é minha testemunha de como tenho saudade de todos vocês, com a profunda afeição de Cristo Jesus.*

*Esta é a minha oração: que o amor de vocês aumente cada vez mais em conhecimento e em toda a percepção, para discernirem o que é melhor, a fim de serem puros e irrepreensíveis até o dia de Cristo, cheios do fruto da justiça, fruto que vem por meio de Jesus Cristo, para a glória e louvor de Deus.*

*Alegro-me grandemente no Senhor, porque finalmente vocês renovaram o seu interesse por mim. De fato, vocês já se interessavam, mas não tinham oportunidade para demonstrá-lo. Não estou dizendo isso porque esteja necessitado, pois aprendi a adaptar-me a toda e qualquer circunstância. Sei o que é passar necessidade e sei o que é ter fartura. Aprendi o segredo de viver contente em toda e qualquer situação, seja bem alimentado, seja com fome, tendo muito, ou passando necessidade. Tudo posso naquele que me fortalece.*

*Apesar disso, vocês fizeram bem em participar das minhas tribulações. Como vocês sabem, filipenses, nos seus primeiros dias do evangelho, quando parti da Macedônia, nenhuma igreja partilhou comigo no que se refere a dar e receber, exceto vocês; pois, estando eu em Tessalônica, vocês me mandaram ajuda, não apenas uma vez, mas duas, quando tive necessidade. Não que eu esteja procurando ofertas, mas o que possa ser creditado na conta de vocês. Recebi tudo, e o que tenho é mais que suficiente. Estou amplamente suprido agora que recebi de Epafrodito os donativos que vocês enviaram. São uma oferta de aroma suave, um sacrifício aceitável e agradável a Deus. O meu Deus suprirá todas as necessidades de vocês, de acordo com as suas gloriosas riquezas em Cristo Jesus.*

Depois de saudar os crentes de Filipos, incluindo bispos e diáconos, Paulo agradece a Deus pela “totalidade de suas lembranças” de seu relacionamento com os filipenses. Todo o seu relacionamento com eles tinha lhe causado somente alegria e nunca pesares.<sup>18</sup> Um dos principais motivos para a alta consideração de Paulo para com aqueles crentes é que eles tinham sido participantes no evangelho com ele desde o início das suas conversões. A generosidade e o apoio deles parecem ser raros, senão únicos, entre as igrejas (4:15).

---

<sup>18</sup> Keneth S. Wuest, *Philippians*; Willian B. Eerdmans Publishing Company, 1942; p. 31. William Barclay traduz: “Em todas as memórias que tenho de vós só tenho motivo de dar graças” (*The New Testament*; Westminster John Knox Press, 1999). Porém, por razões gramaticais, alguns estudiosos argumentam que o apóstolo está de fato agradecendo a Deus a maneira pela qual os filipenses recordam de Paulo, especialmente como fica evidenciado em sua mais recente doação financeira. Entre os que sustentam essa visão incluem D. A. Carson, Peter T. O’Brien e Ralph P. Martin e é refletido na tradução de Moffat. Visto que essa visão não danifica a integridade nem o conteúdo da carta de Paulo, e visto que esse não é um comentário exegético, não vou tomar tempo para discutir contra ou a favor.

A palavra traduzida como “participação” (*koinonia*) é às vezes traduzida por “irmandade” ou “comunhão”. Cristãos contemporâneos usam essa palavra para denotar a amistosa interação social entre os crentes, mas esse sentido nunca é encontrado nos escritos de Paulo.<sup>19</sup> Como acontece com muitas palavras, o sentido preciso de cada caso depende do contexto, mas nós sabemos que o sentido principal da palavra se refere à participação em alguma coisa objetiva, e que ela teve nuances comerciais no primeiro século.<sup>20</sup> Por exemplo: duas pessoas que participam de um empreendimento comercial investindo dinheiro nele entraram numa sociedade, tal que “o cerne da verdadeira associação é a conformidade auto-sacrificante à uma visão compartilhada”.<sup>21</sup> No caso de Paulo e dos filipenses, a “visão compartilhada” é o progresso do evangelho.

Ainda que algumas pessoas queiram pensar que Paulo inclui o sentido de uma “participação” comum (no sentido de posse) *nos benefícios* do evangelho, o sentido primário da palavra e o contexto da passagem favorece a visão de que ele está se referindo à participação e associação *no progresso* do evangelho, e especificamente tendo em vista o sustento financeiro que eles tinham dado a ele.

Isto é, Paulo se regozija porque os filipenses eram participantes no evangelho com ele desde o princípio, tanto no sentido mais abrangente de que eles fizeram muito para o progresso do evangelho, mas também no sentido mais restrito de que eles tinham repetidamente dado a ele assistência prática e financeira.<sup>22</sup> Para Paulo, esse entusiasmo em promover o evangelho, que inclui a disposição deles em providenciar sustento financeiro para ele, sinalizava uma genuína conversão nos filipenses. Por isso, Paulo está confiante que Deus de fato tinha começado uma obra de salvação neles, e que ele a levaria à conclusão.

Você pode ser uma daquelas pessoas que põem sua carreira e família em primeiro lugar, antes do evangelho e seus ministros. No que lhe diz respeito, os presbíteros da sua igreja podem morrer de fome antes que você abra mão das luxúrias que você e a sua família gozam; admita isso, e até mesmo reflita sobre o seu direito dado por Deus para reter. Certamente, você deve cuidar da sua família, mas mesmo isso deveria ser por causa do reino de Deus.

O cristão é alguém que faz todas as coisas para a glória de Deus, mesmo quando ele está exercendo uma carreira e constituindo sua família. De outro modo, porque você está exercendo uma carreira? Você faz isso para constituir uma família? Mas porque você está constituindo uma família? Você deve cuidar da sua família para que eles possam adorar ao Senhor, servir a igreja, e promover o evangelho. Privar a igreja do seu dinheiro e serviço certamente não é a maneira certa de fazer isso. Ou você pensa que a viúva pobre estava sendo um “pobre mordomo” quando ela “pôs lá dentro tudo o que possuía para viver” (Lucas 21:4)? De fato, os filipenses podem ter aumentado suas próprias necessidades ao fazer a doação a Paulo (4:19; 2Coríntios 8:1-4).<sup>23</sup> Aquilo foi um ato de sacrifício altruísta para o benefício do ministério de Paulo e para o evangelho de Cristo.

---

<sup>19</sup> Ralph P. Martin, *Tyndale New Testament Commentaries: Philipians*; William B. Eerdmans Publishing Company, 1987; p. 49.

<sup>20</sup> Carson, p. 16.

<sup>21</sup> *Ibid.*

<sup>22</sup> *Ibid.* p. 48-50. Também, Gordon D. Fee, *The New International Commentary on the New Testament*; William B. Eerdmans Publishing Company, 1995; p. 81-84.

<sup>23</sup> Martin, p. 184.

Todavia, nem todo ato de doação sacrificada e generosa implica em genuína conversão. Por exemplo, nenhum montante de doação sacrificada e generosa para a Igreja Mórmon ou para um templo Budista pode indicar que alguém recebeu a graça de Deus. De fato, o próprio oposto é verdade, de forma que quanto mais generoso e sacrificado você seja com seu dinheiro para com falsas religiões, mais você se expõe como inimigo de Deus.

Da mesma forma, nem todo ato de doação sacrificada e generosa para uma causa que pretende passar por “cristã” implica em genuína conversão. Dar o seu dinheiro para sustentar o programa de salvamento de animais, ministério fantoche, e a compra de equipamento eletrônico para tocar musica rock “cristã” durante o “culto”, frequentemente mais obscurece e impede o evangelho do que o promove. E se a sua igreja faz muito dessas coisas, provavelmente você está na igreja errada.

Participação significativa no evangelho quer dizer que você dá o seu sustento financeiro e prático às igrejas e ministérios que promovem o evangelho como uma mensagem inteligível por meios tais como a pregação e a escrita. Suas mensagens devem ser caracterizadas por uma teologia acurada e uma forte apologética. Essa é a espécie de ministério que os filipenses decidiram sustentar, de forma que eles se tornaram participantes com Paulo na “defesa e confirmação do evangelho”. Mesmo que isso possa se referir ao ministério doutrinário duplo de teologia e apologética, alguns estudiosos pensam que “defender” e “confirmar” possam ser termos legais em referência ao julgamento de Paulo diante da corte imperial.<sup>24</sup> Todavia, outros sustentam que as palavras têm usos mais abrangentes que não estão aqui restritos pelo contexto da passagem.<sup>25</sup>

Em todo caso, esteja Paulo falando ao público ou ao tribunal, ele está “defendendo e confirmando o evangelho” (v. 7), de forma que em qualquer caso ele estaria apresentando apologética, isto é, defendendo o evangelho contra acusações e objeções. Inerente na idéia de apologética está a apresentação positiva do evangelho, uma vez que qualquer defesa do evangelho inclui corrigir idéias errôneas sobre ele e uma afirmação positiva do que a pessoa está defendendo. Portanto, fazer apologética assume que o conteúdo do evangelho foi ou será esclarecido; de outro modo, nada haveria para defender. Se for correto dizer que a defesa se refere à apologética, e que a confirmação se refere à teologia, então Paulo de fato está deixando explícito o seu objetivo aqui.<sup>26</sup>

Em outras palavras, Paulo está recomendando os filipenses a sustentar um ministério que é competente e corajoso para ensinar teologia e fazer apologética. Agora, as palavras traduzidas por “defendendo” e “confirmando”, se usadas ou não como termos legais, necessariamente implicam em atividades intelectuais. Isso quer dizer que a participação fiel no evangelho, se refere a dar assistência financeira e prática a um ministério que está comprometido com a defesa bíblica e racional da fé Cristã. Vale a pena ser generoso e fazer sacrifícios por um ministério como esse.

Ralph Martin escreve: “Hoje poderíamos tomar a lição para ouvir que o sinal de nosso amor professo pelo evangelho é a medida do sacrifício que estamos preparados para fazer no

<sup>24</sup> Ibid., p. 65.

<sup>25</sup> Gordon H. Clark, *Philippians*; The Trinity Foundation, 1996; p. 18.

<sup>26</sup> J. A. Motyer, *The Message of Philippians*; InterVarsity Press; p. 46-47. Contudo, alguns insistem que ambos os termos se referem à defesa do evangelho, de forma que confirmação se refere a alguma coisa como “vindicação” (=justificação,=defesa; N. T.). Todavia, como mencionado, deve haver alguma coisa para defender, confirmar, ou vindicar, de forma deve haver uma apresentação positiva do evangelho.

sentido de ajudar o seu progresso”.<sup>27</sup> Pode ser que não seja o único sinal, mas a ânsia dos filipenses para se tornarem participantes no evangelho com Paulo, indica que Deus realmente realizou uma genuína obra de conversão neles. Aqueles que sinceramente professam colocar o evangelho em primeiro lugar, e seguem adiante com assistência financeira e prática para ministros legítimos e competentes (Tiago 2:26), podem, portanto, ganhar uma medida de confirmação de que foram de fato escolhidos por Deus para a salvação, e que o que Deus começou, irá também completar (1:6).

A maioria dos cristãos professos são parasitas; ou seja, eles se beneficiam de uma igreja ou ministério sem partilhar de seus custos e responsabilidades. Mesmo sabendo que a igreja ou ministério requer muita assistência financeira e prática, eles deixam que outras pessoas façam os sacrifícios necessários. Alguns deles valorizam a igreja ou ministério o bastante para que estejam querendo ajudar se souberem que ela fracassará sem a assistência deles, mas não antes da organização ter chegado a tão desesperada condição.

Se você é um parasita, geralmente é difícil para outras pessoas reconhecerem isso, especialmente se você parece ser muito entusiasmado e incentivador sobre a igreja e o ministério, e é por isso que você é capaz de desavergonhadamente permanecer um parasita da organização. Mas Deus sabe o que você é, e mantém tudo registrado. Ele conhece aqueles que são generosos e aqueles que não são, tanto que Paulo escreve: “Lembrem-se: aquele que semeia pouco, também colherá pouco, e aquele que semeia com fartura, também colherá fartamente” (2Coríntios 9:6). De fato, essa é a principal razão de Paulo para se regozijar com a generosidade dos filipenses: “Não que eu esteja procurando por ofertas, mas o que pode ser creditado na conta de vocês” (Filipenses 4:17).

Você é um fiel participante no evangelho, ou um desavergonhado parasita? Você se põe em primeiro lugar, mesmo quando a igreja ou ministério estejam em grande necessidade? Mas talvez você ainda não tenha o suficiente apesar do seu egoísmo. Deus diz a seu povo através de Ageu: “Aquele que recebe salário, recebe-o para colocá-lo numa bolsa furada (...) e o que vocês trouxeram para casa eu dissipei com um sopro. E porque o fiz?”, (...) “Por causa do meu Templo, que ainda está destruído, enquanto cada um de vocês se ocupa com a sua própria casa” (Ageu 1:6-9). E então o profeta diz: “Vejam onde os seus caminhos os levaram” (v. 5 e 7). Você pode pensar que é mais seguro colocar as suas necessidades em primeiro lugar, mas essa segurança é ilusão, visto que o próprio Deus irá virar-se contra você.

Paulo se regozija que os filipenses não sejam parasitas, mas que eles tenham repetidamente o ajudado, mesmo às custas de seu próprio bem-estar e conveniências. Contudo, como mencionado acima, Paulo se regozija não apenas porque ele recebeu um donativo, mas principalmente porque isso é uma evidência da genuína conversão dos filipenses e porque ele sabe que Deus irá recompensá-los ricamente. Quanto ao próprio Paulo, ele diz que aprendeu o “segredo de estar contente” (v. 12). Ele se tornou desprendido e independente de suas circunstâncias, não por pura força de vontade ou decisão, mas por Cristo que lhe fortalece (v. 13).

Agora, Filipenses 4:3 diz: “Tudo posso naquele que me fortalece”. Esse é um dos versículos mais populares, porém usados equivocadamente, em toda a Bíblia – se as pessoas compreendessem o que ele significa, talvez não fosse tão popular. As pessoas o aplicam a qualquer coisa que façam, incluindo coisas relativamente triviais e egoístas como esportes,

---

<sup>27</sup> Martin, p. 62.

recreação, educação, carreira e qualquer outra coisa que considerem necessária para alcançar felicidade e satisfação próprias.

Contudo, Paulo está dizendo que Cristo dá a ele forças para permanecer contente (uma palavra estoica para indiferença auto-suficiente), mesmo quando ele está faminto e pobre (v. 12). Ele não está dizendo que Cristo dá a ele forças para escalar o Monte Evereste de modo a fazer um nome para si mesmo, que é a maneira como muitas pessoas tendem a usar o versículo 13 em nossos dias. Mas Cristo vai dar a você forças para resistir essa provação pelo bem do evangelho.

Conforme foi demonstrado, Paulo está preocupado principalmente com a condição espiritual dos conversos, e ele se regozija aos sinais de genuína conversão. Esses sinais dão a Paulo confiança de que Deus “começou uma boa obra” neles, e que Deus completará sua obra neles (v. 6). É Deus quem soberanamente justifica e santifica, através da fé e perseverança soberanamente concedidas, porque a salvação vem de Deus e não dos homens. Após a conversão, precisamos progredir em santificação e certeza da salvação (2Pedro 1:10), e assim, após regozijar-se com seus sinais de genuína conversão, Paulo ora pelo crescimento deles.

Paulo começa orando para que os crentes cresçam em amor. O amor é o verdadeiro produto da obra do Espírito em uma pessoa (Gálatas 5:22), e está intimamente ligado à santificação e certeza da salvação. Na carta em que João fala do tema da certeza da salvação (1João 5:13), ele afirma abruptamente: “Aquele que ama é nascido de Deus e conhece a Deus. Quem não ama não conhece a Deus, porque Deus é amor” (1João 4:7-8).

Deus nos ordena a andar em amor, mas pouquíssimas pessoas conhecem a definição bíblica de amor. Eles têm tendência de pensar que amor é principalmente uma inclinação emocional que alguém sente por outra pessoa. Mas a Bíblia explicitamente define para nós o que é amor; ela nos diz o que significa amar a Deus e amar outras pessoas. João escreve: “Porque nisso consiste o amor a Deus: Em obedecer aos seus mandamentos” (1João 5:3), e também: “Assim sabemos que amamos os filhos de Deus: amando a Deus e obedecendo aos seus mandamentos” (1João 5:2). Em outro lugar, Paulo explica que o amor obedece e cumpre os mandamentos de Deus sobre como devemos tratar as outras pessoas (Romanos 13:8-10).

Portanto, quando Deus nos manda amá-lo e aos outros, ele nunca está apelando para as nossas emoções, mas está apelando para a nossa vontade. Ou seja, pela graça soberana de Deus, devemos decidir obedecer aos mandamentos de Deus concernente a como devemos tratar Deus e outras pessoas, e essa decisão para amar é refletida pelas ações correspondentes. Quando Deus nos ordena a amar os outros, certamente ele não está dizendo: “Você tem que estar emocionalmente inclinado a outras pessoas”; pelo contrário, ele está dizendo: “Você deve se relacionar com as outras pessoas de acordo com os divinos preceitos registrados nas Escrituras”.

Paulo não estava orando para que os filipenses comesçassem a amar, uma vez que eles já tinham demonstrado seu amor, sendo participantes no evangelho. Ao contrário, Paulo estava orando para que eles fossem abundantes no amor ou transbordassem em amor. Isso incluiria mais e mais auto-negação pelo bem do evangelho.

Como esse crescimento em amor vai acontecer? Se o amor tem a ver com consciente obediência aos preceitos e mandamentos bíblicos, então é necessário um pré-conhecimento intelectual desses preceitos e mandamentos. Concordemente, Paulo ora para que o amor deles



venha a “abundar mais *em conhecimento* e em toda a percepção” (1:9). Uma vez que a palavra que traduz “em” geralmente significa “por” ou “com”, é possível traduzir a sentença como: “Eu oro para que o amor de vocês abunde *por meio de* conhecimento”.<sup>28</sup> Certamente, uma tradução tem: “eu oro para que o amor de vocês continue crescendo *por causa de* seu conhecimento e percepção” (tradução *God’s Word*). Em todo caso, qualquer tradução ou explicação desse versículo que separe amor e conhecimento está errado.

A palavra traduzida como “conhecimento” aparece vinte vezes no Novo Testamento. Mais que uns poucos estudiosos anti-intelectuais tentam suavizar ou distorcer seu significado e implicação, especialmente visto que a palavra aparece aqui em conexão próxima com amor; contudo, a palavra sempre se refere ao conhecimento intelectual sobre as coisas de Deus, “uma compreensão mental da verdade espiritual”,<sup>29</sup> “conhecimento doutrinário”<sup>30</sup> e “conhecimento teológico”.<sup>31</sup> Portanto, estudar as Escrituras, ouvir sermões, ler livros e se envolver em discussões teológicas, tem tudo um relacionamento direto com o seu crescimento em amor e obediência.

É verdade que se você tem conhecimento sem amor, então você não é nada (1Coríntios 13:2). Contudo, muitas pessoas que enfatizam isso não sabem a definição bíblica de amor em primeiro lugar, de modo que o que eles querem dizer é que você tem que ter calor emocional em acréscimo ao conhecimento teológico. Mas a Bíblia não nos ensina isso. Além do mais, o “remédio” deles é que você tem que considerar amor (falsamente definido por eles) como *superior* a conhecimento. Mas isso também é falso.

Antes, uma vez que o amor é obediência aos mandamentos de Deus em todos os seus relacionamentos, quer para com Deus ou com outras pessoas, ter conhecimento sem amor significa que você não obedece ao que você sabe que Deus requer de você. Em adição, o amor não é superior ao conhecimento, assim como a sua obediência aos mandamentos de Deus não é superior ao seu conhecimento de tais mandamentos, uma vez que a obediência aos mandamentos de Deus nem é possível sem o conhecimento dos mesmos. Você precisa primeiro conhecer esses mandamentos, antes que possa conscientemente obedecer a eles, e deliberadamente por eles ordenar a sua vida. A teologia torna o amor possível.

Jesus conclui o seu Sermão da Montanha dizendo que nós devemos ouvir as suas palavras e pô-las em prática (Mateus 7:24-27). Se nós não ouvirmos as palavras dele primeiro, então nada haverá para pormos em prática. Andar em uma espécie de “amor” que é sem um prévio conhecimento dos mandamentos e preceitos de Deus é realmente praticar uma moralidade pecaminosa e arbitrária. Portanto, para andar em amor bíblico, você deve ter conhecimento teológico; de outro modo, você está apenas enganando a si mesmo em pensar que você está andando em amor, e que Deus aprova você mais do que aqueles que são diligentes estudantes de teologia. Se você se recusa a estudar teologia, já demonstrou que não ama a Deus.

Muitas pessoas usam erradamente 1Coríntios 8, que diz: “O conhecimento incha” (v. 1, NIV). Tirando isto do contexto e ignorando outros versículos relevantes, eles têm usado essa passagem para fazer falsos contrastes entre conhecimento e amor, e para atacar o conhecimento teológico. Porém o versículo em seu todo diz: “Com respeito aos alimentos sacrificados aos ídolos, *sabemos que todos temos conhecimento*. O conhecimento incha, mas

<sup>28</sup> Clark, p. 20.

<sup>29</sup> Martin, p. 66

<sup>30</sup> James Montgomery Boice, *Philippians: An Expository Commentary*; Baker Books, 1971, 2000; p. 46.

<sup>31</sup> Motyer, p. 56.

o amor edifica”. Para parafrasear, Paulo está dizendo que todos nós sabemos alguma coisa sobre como considerar comida sacrificada aos ídolos, mas se você não está obedecendo os preceitos de Deus no seu relacionamento com os outros (isto é, andando em amor), então ao invés de estar fazendo algo construtivo com esse conhecimento, isso vai só fazer você pensar que é superior aos outros.

Assim, conhecimento sem obediência pode fazer você cheio de orgulho, mas o conhecimento com obediência irá edificar a igreja. Por outro lado, existem pessoas que, por não terem conhecimento, têm uma definição anti-bíblica de amor. E é precisamente andando nessa espécie de amor anti-bíblico que eles pensam que são superiores a aqueles que têm conhecimento teológico. Assim, existem aqueles que têm conhecimento bíblico, mas se recusam a obedecê-lo (isto é, andar em amor), e existem aqueles que pensam que andam em amor, mas se recusam a se desenvolver no conhecimento bíblico. O primeiro grupo traz condenação sobre si, visto que desobedecem o que sabem sobre os mandamentos de Deus, e o segundo grupo não têm nem conhecimento nem amor, e está completamente nas trevas.<sup>32</sup> Deus desaprova ambos os tipos de pessoas.

Em todo caso, Paulo tem a mais alta consideração por conhecimento teológico na medida em que ele se relaciona com a vida e o ministério. Por exemplo, em resposta a um criticismo sobre a sua habilidade de oratória, ele escreve: “Eu posso não ser um orador eloquente; contudo tenho conhecimento” (2Coríntios 11:6). Ele não diz, “mas tenho amor”. Conhecimento teológico é o fundamento da vida, do ministério e o amor. A falha em compreender e aceitar isso resultará em uma vida “cristã” desfigurada e aleijada, se é que pode ser chamada de cristã.

Paulo ora para que o amor dos filipenses viesse a abundar “em conhecimento”, mas ele diz que esse amor devia crescer também em “discernimento”. A palavra traduzida por “discernimento” pode significar “percepção”, “discriminação” ou “julgamento” (KJV). Paulo está se referindo à faculdade que capacita uma pessoa a discriminar entre o certo e o errado, o bem e o mal, e tomar decisões morais. O versículo 10 providencia o contexto que confirma essa compreensão: “. . . para discernirem o que é melhor, a fim de serem puros e irrepreensíveis até o dia de Cristo”. É a habilidade em fazer julgamentos morais sadios que permite ao Cristão permanecer “puro e imaculado”. Dado este contexto, “todo o discernimento” (NKJ-V, NASB, ESV) é uma tradução melhor.

Dessa forma, Paulo está orando para que o amor deles crescesse em conhecimento teológico e em discernimento moral. A idéia contemporânea de amor frequentemente equivale a uma aceitação da ilegalidade sem discriminação e sem julgamento. Contudo, o amor bíblico se refere a obediência aos mandamentos divinos em todos os nossos relacionamentos, caracterizado por discriminação moral. O amor bíblico é judicioso no sentido de que ele faz julgamentos morais sobre pessoas, e então faz alguma coisa quanto a isso (1Coríntios 5:3-5).

Jesus nunca falou sobre esse tipo de discernimento moral; antes, ele falou somente contra julgamentos hipócritas e anti-bíblicos. Ele era contra aqueles que julgavam os outros, mas se recusavam a julgarem-se a si mesmos pelos mesmos parâmetros, ele era contra aqueles que usavam parâmetros anti-bíblicos de julgamento, tais como a tradição humana. Por exemplo,

---

<sup>32</sup> Desde que o amor bíblico requer conhecimento como um pré-requisito, ninguém pode afirmar estar andando no amor bíblico sem conhecimento bíblico. Assim, as duas combinações inaceitáveis são conhecimento bíblico sem amor bíblico, e amor anti-bíblico sem conhecimento. A única combinação aceitável é conhecimento com amor bíblico.

ele diz: “Hipócrita, tire primeiro a viga do seu olho, e então você verá claramente para tirar o cisco do olho do seu irmão”. Ele nunca diz que você não deve “remover a manchinha de sujeira do olho do seu irmão”, mas somente que você devia “primeiro tirar a viga que está no seu olho”. Isso fala contra a hipocrisia e não se opõe a que se faça julgamentos morais.

O mesmo é verdade com Paulo. Em Romanos 2, ele escreve que aqueles que fazem julgamento sobre outras pessoas, mas que fazem as mesmas coisas, não podem escapar do julgamento de Deus. Mas a intenção dele é argumentar com o fato de que todo mundo é pecador, e tem necessidade da salvação pela soberana graça de Deus. Por exemplo, os judeus podiam julgar os gentios como pecadores porque eles cometiam assassinato e adultério, mas os próprios judeus também cometiam assassinato e adultério; portanto, os judeus não deviam pensar que estavam isentos de julgamento *apenas porque* eram judeus. Mas Paulo não diz que os julgamentos deles eram falsos, mas meramente hipócritas – ele nunca diz que assassinato e adultério são aceitáveis. De fato, ele acrescenta: “Sabemos que o juízo de Deus contra os que praticam tais coisas é conforme a verdade” (Romanos 2:2).

Uma vez um adúltero me disse: “Então eu sou um pecador! Mas você deve amar os pecadores, e você deve me amar”. Porém, ele se referiu a si mesmo como um “pecador” somente porque isso era o de que eu o chamaria, e ele nunca quis dizer isso como uma admissão de que seu adultério era errado. Ele era com certeza diferente do homem em Lucas 18, que diz em humilde arrependimento: “Deus, tem misericórdia de mim, que sou pecador” (v. 13). E dizendo que eu devia “amá-lo”, ele somente queria dizer que eu devia aceitá-lo *com* seu adultério, e parar de dizer que ele estava errado.

Esse homem estava usando termos cristãos para me manipular e silenciar. Eu percebi o engano e o expus, mas a estratégia dele funciona com muita frequência com cristãos que tentam trazer pecadores ao arrependimento. Nós temos que novamente jogar a culpa disso sobre uma ignorância de teologia, visto que esses crentes não deveriam ficar tão facilmente confundidos, mas antes deveriam ser imunes à manipulação, se entendessem o que essas palavras bíblicas significam.

Da próxima vez que alguém queira que você o “ame”, pense sobre exatamente o que ele quer com isso, e exatamente o que ele está dizendo que você deveria fazer. Se o que ele está dizendo é antibíblico, você não está na obrigação de fazer. Ele sabe que você se submete à autoridade bíblica, e ele está tentando usar aquela autoridade para manipular você, apresentando-lhe aquela autoridade de maneira errada. Não se deixe enganar – sempre que seja cabível, o amor bíblico corajosamente confronta as pessoas sobre suas transgressões, e prontamente repreende-os por suas heresias (Provérbios 27:5; Tito 1:13). Isso não é para alcançar alguma auto-satisfação em depreciar os outros, mas para acordá-los e restaurá-los. Se gentil ou severa, a confrontação é o recurso bíblico pelo qual Deus algumas vezes soberanamente concede arrependimento a pecadores.

Ao obter conhecimento teológico que torna possível o amor, e crescendo em discernimento moral que capacite esse amor a discriminar entre o certo e o errado, o crente é preservado “puro e sem mácula” diante de Deus. “Assim, conhecimento e discernimento são básicos para o todo da tarefa da vida cristã, mas com certeza especialmente para o dever do amor cristão”.<sup>33</sup> Considerando que Deus salvou o crente quando ele era pobre de espírito, agora ele se tornou rico na fé, e “cheios dos frutos da justiça” (Filipenses 1:11). Entretanto, todas essas

---

<sup>33</sup> Mortyer, p. 57.

bênçãos vêm “através de Jesus Cristo”. Isto é, somente cristãos podem ser “puros e sem mácula” diante de Deus, não por seus próprios méritos e esforços, mas somente através de Cristo. E isso é tudo para o fim último “da glória e louvor de Deus”.

**FILIPENSES 1:12-26.**

*Quero que saibam, irmãos, que aquilo que me aconteceu tem, ao contrário, servido para o progresso do evangelho. Como resultado tornou-se evidente a toda a guarda do palácio e a todos os demais que estou na prisão por causa de Cristo. E os irmãos, em sua maioria, motivados no Senhor pela minha prisão, estão anunciando a palavra com maior determinação e destemor.*

*É verdade que alguns pregam a Cristo por inveja e rivalidade, mas outro o fazem de boa vontade. Estes o fazem por amor, sabendo que aqui me encontro para a defesa do evangelho. Aqueles pregam Cristo por ambição egoísta, sem sinceridade, pensando que me podem causar sofrimento enquanto estou preso. Mas, que importa? O importante é que de qualquer forma seja por motivos falsos ou verdadeiros, Cristo está sendo pregado, e por isso me alegro.*

*De fato, continuarei a alegrar-me, pois sei que o que me aconteceu resultará em minha libertação, graças às orações de vocês e ao auxílio do Espírito de Jesus Cristo.guardo ansiosamente e espero que em nada serei envergonhado. Ao contrário com toda a determinação de sempre, também agora Cristo será engrandecido em meu corpo, quer pela vida, quer pela morte; porque para mim o viver é Cristo e o morrer é lucro. Caso continue vi-vendo no corpo, terei fruto do meu trabalho. E já não sei o que escolher! Estou pressionado dos dois lados: desejo partir e estar com Cristo, o que é muito melhor; contudo, é mais necessário, por causa de vocês, que eu permaneça no corpo. Convencido disso, sei que vou permanecer e continuar com todos vocês, para o seu progresso e alegria na fé, a fim de que, pela minha presença, outra vez a exultação de vocês em Cristo Jesus transborde por minha causa.*

Os filipenses se preocupavam profundamente com Paulo, e tinham repetidamente enviado a ele apoio financeiro e prático. A prisão de Paulo tinha renovado a preocupação deles por ele, e então o apóstolo responde ao interesse deles pelo seu bem estar. Visto que os filipenses foram fiéis participantes no evangelho desde o início, nós podemos facilmente compreender porque Paulo se regozija quanto a isso e os elogia. Mas Paulo prossegue falando sobre sua prisão. Esperamos alguma coisa dele que não sejam amargas queixas?

Mas Paulo não é hipócrita. Exatamente como ele louva os filipenses por colocarem o evangelho em primeiro lugar, mesmo quando se faz necessário auto-negação e sacrifício, Paulo mostra que ele também põe o evangelho em primeiro lugar, mesmo quando ele está na prisão por causa do evangelho. Assim, ele relata aos filipenses informações sobre sua situação no contexto de sua preocupação com o evangelho, não para sua auto-preservação. Ele faz um sumário de seus pensamentos sobre sua situação dizendo que o que aconteceu a ele serviu para o “avanço do evangelho” (v. 12). Uma vez que essa é a principal preocupação tanto de Paulo quanto dos filipenses, essa é a maneira de Paulo ver a situação e de assegurar os filipenses.

Então, ele providencia alguns detalhes sobre como o evangelho está avançando. Primeiro, por causa da sua prisão, “toda a guarda do palácio” tomou conhecimento do evangelho. Os soldados que guardavam Paulo estavam cientes de que ele não está preso por assassinato ou

roubo, mas por causa da sua religião. Talvez discussões sobre este prisioneiro entre eles mesmos tenha resultado em mais pessoas tomando conhecimento do evangelho. Segundo, por causa da posição corajosa de Paulo por Cristo, agora que ele está preso, outros crentes são levados a proclamar o evangelho com maior ousadia e diligência.

Com relação a esse segundo ponto, Paulo menciona algumas pessoas que realmente “pregam a Cristo por inveja e rivalidade”, e “por ambição egoísta”. É possível a um ministro perder de vista as suas prioridades, de forma que, ao invés de por o evangelho em primeiro lugar, mesmo à custa do seu próprio bem-estar e proeminência, ele busca se tornar um pregador maior que os outros, e se tornar uma celebridade. Os Doze discutiram entre si sobre quem seria o maior, mas Cristo explicou a eles que o ministério não se refere a quem alcança a maior proeminência, mas quem presta serviços humildes por causa do evangelho.

Assim, essas pessoas tinham motivos muito errados, visto que eles pregavam a Cristo motivados por “inveja”, “rivalidade” e “ambição egoísta”. Contudo, Paulo nunca diz que eles estavam pregando uma falsa mensagem, e essa é certamente a razão pela qual ele nunca diz que eles deveriam ser detidos. Como Martin observa: “O autor de 2Coríntios 11:4 e Gálatas 1:6-9 nunca poderia ter permitido uma doutrina errônea ou deixar escapar uma oportunidade para combater falsos ensinamentos”.<sup>34</sup> Essas pessoas não estavam pregando falsa doutrina, mas estavam pregando doutrinas bíblicas por motivos errados. Um comentarista escreve: “Se quisessem irritar Paulo, eles poderiam ter sido mais bem sucedidos atacando sua doutrina. Eles deviam ser um tanto estúpidos”.<sup>35</sup> Certamente, eles estavam errados, e Deus os responsabilizaria, mas Paulo nunca disse para eles pararem, pois “Cristo está sendo pregado”.

Agora, muitas pessoas hoje parecem estar dizendo a mesma coisa, mas o que elas dizem difere grandemente do que Paulo está dizendo. Elas podem dizer que nossas diferenças em teologia não importam, conquanto que Cristo seja pregado. Mas se há diferenças em nossa teologia, todos nós estamos pregando a Cristo? Isso depende de sobre o que estamos discordando, e isso é precisamente o porquê devemos argumentar sobre os pontos nos quais discordamos, com respeito à verdade e relevância deles. Paulo nunca diz que nossa teologia não importa conquanto que Cristo seja pregado, visto que o fato de estarmos pregando realmente a Cristo depende, antes de tudo, de nossa teologia ser correta.

O que Paulo diz é que pessoas pregando com *motivos* errados – não *teologia* errada – podem, todavia, promover o evangelho, e por isso ele se regozija. Hoje em dia, as pessoas tendem a fazer o contrário – elas desejam parar aqueles que pregam a partir de motivos errados, mas não aqueles que pregam uma teologia errada. Certamente, isso não significa que Paulo aprove os motivos errados deles, mas ele está dizendo que ele se regozija, a despeito dos motivos errados deles, pois eles ainda estão pregando uma mensagem correta, por meio da qual Deus ainda pode salvar seus eleitos. Gordon Clark relata o seguinte incidente:

Na Universidade da Pensilvânia, um professor de história leu para os seus alunos o sermão “Pecadores nas Mãos de um Deus Irado” de Jonathan Edwards. O objetivo do professor era mostrar quão rudes, desagradáveis e rabugentos os Puritanos da Nova Inglaterra eram. Por causa de sua leitura, contudo, pelo menos um estudante foi convertido ao Cristianismo.<sup>36</sup>

---

<sup>34</sup> Martin, p. 76

<sup>35</sup> Clark, p. 28.

<sup>36</sup> Ibid., p. 29.

Esse professor estava obviamente lendo o sermão a partir de uma razão imoral, mas o que ele estava lendo, todavia, apresentou uma mensagem bíblica, por meio da qual Deus converteu pelo menos uma pessoa na sala de aula. Embora desaprovemos o motivo do professor para ler o sermão, e ele era mui provavelmente um não-cristão, nós, todavia, nos regozijamos em sua ação má-intencionada por causa de seu efeito. Isso é o que Paulo está tentando transmitir. Mas quando diz respeito à teologia, Paulo nunca abre mão, e nem nós deveríamos.

Paulo continua para dizer que ele está confiante de sua “libertação” (v. 19), mas isso não significa necessariamente que ele pense que será solto da prisão, visto que ele imediatamente começa a tratar da possibilidade da morte. Antes, ele está mais provavelmente se referindo à sua última vindicação, especialmente diante de Cristo, de forma que ele “em nada será envergonhado”, e “Cristo será engrandecido”, quer “pela vida quer pela morte”.

O que se segue são alguns versículos difíceis e debatidos (v. 21-26). Eu concordo com muitos comentaristas que o versículo 22 não significa necessariamente que Paulo tinha uma escolha entre a vida e a morte. De fato, é muito improvável que Paulo esteja dizendo isso, visto que a vida e a morte estão nas mãos de Deus somente (Tiago 4:13-15). Antes, parece que Paulo está abrindo uma janela para nós olharmos para o seu pensamento, e observar a tensão interna gerada pelas duas possibilidades.

Para Paulo, a morte cumpriria o desejo de toda a sua vida, isto é, encontrar a Cristo. Contudo, seria mais benéfico para os crentes se Paulo permanecesse. Se a escolha fosse concedida a Paulo, qual ele escolheria? Uma conduz ao ganhar *a Cristo*, e a outra conduz ao trabalhar mais *para Cristo*. Ele conclui que há trabalho adicional que ele pode fazer pela causa do evangelho, e para o progresso dos crentes na fé. Se o versículo 25 está realmente dizendo que ele tinha confiança que permaneceria, não parece que ele tenha obtido isso a partir de revelação direta; antes, parece ser o resultado de seu processo de raciocínio nos versículos 21-24. Todavia, o versículo 27 implica que ele estava incerto sobre o que lhe aconteceria.

Embora o significado preciso desses versículos requiera uma discussão mais longa, as preocupações dominantes que ditavam o pensamento de Paulo são óbvias. Isto é, Paulo se importava relativamente pouco com o que lhe aconteceria, mas ele se importava principalmente com a glória de Deus, o avanço do evangelho no mundo, e o progresso da fé nos crentes. A obsessão de Paulo era o evangelho. Qual é a sua?

### 3. UNIDOS PELO EVANGELHO

#### FILIPENSES 1:27-30

*Não importa o que aconteça, exerçam a sua cidadania de maneira digna do evangelho de Cristo, para que assim, quer eu vá e os veja, quer apenas ouça a seu respeito em minha ausência, fique eu sabendo que vocês permanecem firmes num mesmo espírito, lutando unânimes pela fé evangélica, sem de forma alguma deixar-se intimidar aqueles que se opõem a vocês. Para eles isso é sinal de destruição, mas para vocês, de salvação, e isso da parte de Deus; pois a vocês foi dado o privilégio de não apenas crer em Cristo, mas também de sofrer por ele, já que estão passando pelo mesmo combate que me viram enfrentar e agora ouvem que ainda enfrento.*

As pessoas estão sempre falando de unidade – sobre como ela é boa e como ela é importante. Mas em volta de que espera-se que nos unamos? Em que similaridades temos que insistir? Ou não insistir em nenhuma? Que diferenças temos que desconsiderar, e quais são inaceitáveis? Ou todas as diferenças são aceitáveis? Algumas pessoas tentaram se unir em volta da torre de Babel, mas Deus as espalhou.

Da mesma maneira que Paulo elogia os filipenses por colocar o evangelho em primeiro lugar, e da mesma forma como ele mostra que ele também põe o evangelho em primeiro lugar, ele urge para que os crentes se unam em volta desse objetivo e propósito – isto é, o evangelho e seu avanço. Para muitas pessoas, teologia é o fator de menor importância quando se trata de unidade, tanto que todos os tipos de pessoas são encorajadas a se unirem, mesmo quando as suas teologias contradizem umas as outras. Por outro lado, a unidade cristã põe a teologia cristã em primeiro. Se não podemos concordar em assuntos teológicos, não existe como discutir outros assuntos relacionados com unidade. Se você afirma e prega um evangelho diferente do meu, então como nos unirmos? Porque nos uniríamos? Qualquer “unidade” que desconsidere a teologia é superficial e sem significado.

Contudo, uma vez que concordamos sobre o que constitui a mensagem do evangelho, e uma vez que concordamos com o propósito comum de levar adiante o evangelho, então temos uma base bíblica e significativa para unidade. Essa unidade deveria ser tão forte que contenderíamos “como um só homem pela fé do evangelho”. E por causa desse evangelho, ordenaremos as nossas vidas de uma maneira que traga a ele honra e não descrédito (v. 27).

Os pecadores se opõem a nós. Assim como uma verdadeira unidade cristã tem uma teologia bíblica em comum como seu fundamento, embora os pecadores pareçam ter diversas crenças e culturas, todos os pecadores de fato têm um único propósito – isto é, se opor ao evangelho. Como Jesus diz: “Aquele que não está comigo está contra mim; e aquele que comigo não ajunta, espalha” (Mateus 12:30). Naturalmente não-crentes podem aparentemente se unirem, visto que as diferenças deles são somente superficiais, enquanto que os verdadeiros cristãos diferem de todos os outros num nível fundamental. No final das contas, existem na realidade duas opiniões – ou unidos para promover o evangelho, ou unidos para se oporem a ele.

A oposição contra aqueles de nós que se unem em volta do verdadeiro evangelho é um sinal da nossa salvação e da condenação deles. Que nos uniríamos em volta da verdadeira mensagem do evangelho e até negaríamos nossos próprios interesses para promovê-lo, é um sinal de que Deus nos escolheu para a salvação e nos transformou para o serviço. Isso é porque nós sabemos que é Deus quem soberanamente nos concede a graça de crer no evangelho, e então soberanamente nos concede a graça de sofrer por causa do evangelho.

Por outro lado, que descrentes se oporiam a aqueles de nós que nos unimos em volta do evangelho os expõe como réprobos, designados por Deus para a condenação eterna. Certamente, alguns deles podem ser como Paulo, que perseguiu a igreja no princípio, mas depois foi soberanamente transformado por Deus. Mas a menos que isso aconteça, qualquer um dos que se opõe a aqueles que se unem em volta do evangelho se expõe como não-salvo, e condenado à destruição.

Portanto, quando pecadores se opõe à sua valente posição pelo evangelho, se regozije por Deus lhe ter concedido fé para crer no evangelho, e graça para sofrer pelo evangelho. Qualquer que seja o lugar onde o levamos, o evangelho é vida para os eleitos, e morte para os réprobos (2Coríntios 2:14-16). Diferentes das unidades humanísticas pecaminosas, nossa unidade em volta do evangelho não é para aumentar a nossa habilidade de auto preservação; antes, o reverso é a verdade, pois estamos abrindo mão da auto-preservação por amor ao evangelho (Marcos 8:35).

### **FILIPENSES 2:1-11**

*Se por estarmos em Cristo nós temos alguma motivação, alguma exortação de amor, alguma comunhão de espírito, alguma profunda afeição e compaixão, completem a minha alegria, tendo o mesmo modo de pensar, o mesmo amor, um só espírito e uma só atitude. Nada façam por ambição egoísta ou por vaidade, mas humildemente considerem os outros superiores a si mesmos. Cada um cuide, não somente dos seus interesses, mas também dos interesses dos outros.*

*Seja a atitude de vocês a mesma de Cristo Jesus, que embora sendo Deus, não considerou que o ser igual a Deus era algo a que devia apegar-se; mas esvaziou-se a si mesmo, vindo a ser servo, tornando-se semelhante aos homens. E, sendo encontrado em forma humana, humilhou-se a si mesmo e foi obediente até a morte, e morte de cruz! Por isso Deus o exaltou a mais alta posição e lhe deu o nome que está acima de todo o nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra, e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para a glória de Deus o Pai.*

Os participantes no evangelho estão unidos pelo evangelho; eles se juntam para promover uma mensagem e um propósito. Fazendo isso, eles evidenciam que são com certeza os escolhidos de Deus, e ao mesmo tempo todos aqueles que se opõe a eles como os condenados por Deus. Contudo, hábitos pecaminosos obstinados permanecem na pessoa mesmo depois da conversão, e várias circunstâncias podem provocar seu egoísmo remanescente para proteger seus próprios interesses, ainda que à custa de outros e do evangelho, ameaçando assim a unidade cristã.

Portanto, Paulo defende a abnegação, para que eles não possam perder de vista o que é importante, e que eles permanecerão firmes em sua unidade em torno do evangelho. A santificação bíblica não vem somente pela oração ou por força de vontade, mas vem e cresce por lembrar e persuadir repetidamente os crentes a obedecer os preceitos de Deus e seguir o exemplo de Cristo.

Conseqüentemente, Paulo os faz lembrar da participação que tiveram juntos no evangelho. Como ele enfatiza em outro lugar, existe apenas um corpo de crentes, chamados por Deus para uma esperança. Essa comunidade é unida por um Espírito, um Senhor, uma fé, um batismo e um Deus e Pai (Efésios 4:4-6). Não há como alcançar a verdadeira unidade com



aqueles fora desse corpo, nem é desejável a unidade com eles. Mas todos aqueles que verdadeiramente participam dos supremos e exclusivos benefícios do evangelho, sem dúvida têm alguma coisa importante em comum, e isso deve levá-los à unidade.

Quando a “ambição egoísta e a vã presunção” se intromete para minar a unidade, nós devemos lutar para preservá-la, mesmo à custas dos nossos próprios interesses e orgulho. Assim, Paulo estimula a auto-negação em face ao egoísmo, e prescreve a humildade para superar o orgulho. Nós devemos estar alerta não apenas quanto a nós mesmos, mas também pelo interesse dos outros. Se fomos realmente convertidos por Deus, isto é, se recebemos os benefícios do evangelho, então unamo-nos em volta de sua única mensagem e aspiração, e assim, tenhamos “o mesmo modo de pensar”. Aqueles que são participantes no evangelho, que sejam também unidos pelo evangelho.

Para instruir e encorajar os filipenses a praticar a auto-negação, Paulo cita o exemplo de Jesus Cristo nos versículos 5 e 11. Ainda que uma exegese precisa dessa passagem envolva algumas dificuldades, o significado geral é claro. Jesus tinha sempre sido Deus, mas ele não se apoderou disso de modo que se recusasse a se humilhar ao tomar atributos humanos para redimir os eleitos. Antes, sendo Deus, ele voluntariamente se submeteu à humilhação de se tornar escravo. Além disso, ele foi obediente à vontade do Pai ao ponto de voluntariamente morrer uma morte de criminoso!

Onde a NIV diz que ele “se fez nada”, a NASB diz que ele “esvaziou-se a si mesmo”, que é mais literal. Algumas pessoas têm falsamente inferido dessa expressão que Jesus tinha posto de lado alguns dos seus atributos divinos na sua encarnação. Isso é chamado de teoria *kenosis* ou teologia *kenótica*. Outros têm ido mais longe ao dizer que ele agiu nessa terra como um mero ser humano movido pelo Espírito Santo. Mas isso é uma heresia condenável. Desde que os atributos de um ser o definem, um ser que deixa de lado qualquer de seus atributos originais essenciais (assumindo que seja possível fazer isso, em primeiro lugar), cessa de ser o ser original.

Isto é, se Jesus tivesse deixado de lado qualquer dos seus atributos divinos, ele teria cessado de ser Deus. Uma vez que são precisamente os divinos atributos que fazem Deus ser Deus, não faz sentido dizer que Deus pode ser Deus se pôs de lado alguns de seus divinos atributos. Contudo, Deus é imutável, de forma que se alguma vez Jesus foi Deus, ele nunca poderia cessar de ser Deus. Portanto, aqueles que afirmam a impossível e absurda teoria *kenosis*, arriscando perder as próprias bases sobre as quais eles podem se chamar cristãos, se tornam inimigos da Cristandade. Pelo contrário, os cristãos devem afirmar que Jesus sempre foi Deus, e ele ainda era Deus quando tomou sobre si atributos humanos e viveu nesse mundo.<sup>37</sup> Ele nunca abandonou qualquer dos seus atributos divinos; ele nunca existiu como um mero ser humano movido pelo Espírito Santo.

Quando Paulo diz que Cristo “esvaziou-se a si mesmo”, ele não está retratando Cristo como um recipiente com divinos atributos que podem ser despejados como água, após o que estes atributos não estariam mais nele, pelo menos até a sua ressurreição ou ascensão. O propósito da passagem é lembrar a humildade e a humilhação de Cristo para admoestar e encorajar os

---

<sup>37</sup> Naturalmente, Deus o Filho, nunca “viveu na terra” no sentido que ele estava completamente restrito ao seu corpo humano; de outro modo, ele teria certamente deixado de lado o divino atributo da onipresença, o que é impossível. Antes, Deus o Filho sempre foi e ainda é onipresente, mesmo quando ele viveu na terra *de acordo com essa natureza humana*, e mesmo agora, sua natureza humana não é onipresente, ainda que a sua natureza divina certamente seja.

crentes a praticar a auto-negação, e assim, preservar a unidade deles em volta do evangelho. A humilhação de Cristo não estava em esvaziar-se a si mesmo *de alguma coisa*, mas antes, ele humilhou-se a si mesmo se “*tomando*” atributos humanos (v. 7). Seu ato de “*esvaziar-se*” estava nesse ato de “*tomar*” uma natureza humana. Dizer que ele esvaziou-se a si mesmo é, portanto, somente uma metáfora, assim como quando Paulo diz: “Contudo, mesmo que eu esteja sendo derramado como oferta de bebida” (v. 17), ele não está dizendo que seus órgãos internos ou seus atributos humanos seriam despejados como líquido de uma garrafa (também 2Coríntios 12:15; 2Timóteo 4:6). O ponto é que Cristo praticou a auto-negação e o auto-sacrifício em favor de nós (2Coríntios 8:9).

Esse é o maior exemplo de auto-negação, e Paulo nos chama a adotar a mesma atitude, tendo a mesma prontidão para negar nossa “ambição egoísta ou vã presunção” por causa do evangelho e dos outros crentes. Como foi mencionado, várias circunstâncias podem provocar nosso egoísmo remanescente para proteger os nossos interesses, ameaçando assim a unidade cristã. É em horas como essas que devemos estar querendo nos humilhar por uma causa maior, isto é, pela mensagem e pelo propósito em volta do qual devemos todos nos unir.

Por causa do sacrifício e da submissão voluntária de Cristo, Deus o exaltou ao mais alto lugar, para que todos tenham que adorá-lo. Mas para começar, Cristo não era Deus? Sim, mas agora estamos nos referindo ao seu estado de encarnado, desde que sabemos que Cristo manteve seus atributos humanos na ressurreição. Todos devem se ajoelhar diante dele, e isso inclui todos os falsos deuses e falsos profetas nas religiões não-cristãs. Maomé e Joseph Smith são agora forçados a se ajoelharem diante de Jesus Cristo desde os seus lugares no inferno, em meio a extrema agonia deles – não como sinceros adoradores, é claro, mas como inimigos de Cristo derrotados – mesmo que seus seguidores enganados pensem que esses falsos profetas podem levá-los ao céu. Como Pedro escreve: “Portanto, humilhem-se debaixo da poderosa mão de Deus, para que ele os exalte no devido tempo” (1Pedro 5:6). Se você vai se humilhar se submetendo a Deus, ele o exaltará, embora venha a fazê-lo de acordo com o tempo dele e o plano dele.

#### **FILIPENSES 2:12-18**

*Assim meus amados, como sempre vocês obedeceram, não apenas na minha presença, porém muito mais agora na minha ausência ponham em ação a salvação de vocês com temor e tremor, pois é Deus quem efetua em vocês tanto o querer quanto o realizar, de acordo com a boa vontade dele.*

*Façam tudo sem queixas nem discussões, para que venham a tornar-se puros e irrepreensíveis, filhos de Deus inculpáveis no meio de uma geração corrompida e depravada, na qual vocês brilham como estrelas no universo, retendo firmemente a palavra da vida. Assim, no dia de Cristo, eu me orgulharei de não ter corrido nem me esforçado inutilmente. Contudo, mesmo que eu esteja sendo derramado como oferta de bebida sobre o serviço que provém da fé que vocês têm, o sacrifício que oferecem a Deus, estou alegre e me regozijo com todos vocês. Estejam vocês também alegres, e regozijem-se comigo.*

Cristo deixou aos seus seguidores o exemplo de obediência ao Pai, e Paulo estimula os filipenses a imitar o seu Senhor. Agora, os crentes em Filipos já têm uma longa história de obediência e fidelidade, desde o primeiro dia quando eles obedeceram ao evangelho de Cristo como entregue por Paulo. Mas a obediência deles era dependente da presença desse apóstolo de primeira classe?

Paulo estava otimista que eles obedeceriam mesmo em sua ausência, não apenas por causa da sua idéia positiva quanto aos filipenses; antes, Paulo acredita que assim como Deus iniciou uma genuína obra de graça neles, ele irá também completar a sua divina obra neles através do seu soberano poder (1:6), controlando e operando através das decisões e ações deles para efetivar a santificação (2:13). Assim como Deus nos salvou fazendo com que nossa vontade afirmasse o evangelho, ele continua a controlar a nossa vontade, por meio do que Deus desenvolverá seu caráter e seu propósito em nossas vidas.

Embora a vontade não seja livre, no sentido de que ela nunca é livre do controle de Deus, ela ainda é uma genuína função da mente, de forma que à medida que Deus opera através da nossa vontade para efetuar a santificação, nós continuamos a estar cientes de fazer escolhas difíceis e cômicas na luta contra as tentações. É da vontade de Deus que passemos por tais provações, de modo que quando tivermos vencido as tentações, nossa fé aparecerá como ouro, a fim de que o Pai e o Filho possam ser glorificados pelas nossas vidas (Jó 23:10; 1Pedro 1:7). Portanto, “ponhamos em ação a obra salvadora de Deus nas nossas vidas, obedecendo a Deus com profunda reverência e temor” (v. 12, NLT).

Porque a obediência deles não dependia da presença e da influência imediatas do apóstolo, mas antes da soberana graça e poder de Deus, Paulo está confiante que os filipenses podiam demonstrar até maior obediência do que quando ele estava lá com eles. Pela graça e poder de Deus, Paulo os admoesta a se humilharem e negarem seus próprios interesses, de modo que possam preservar a harmonia em sua igreja e manter sua unidade em volta de sua teologia – isto é, o evangelho.

Seus esforços para manter a verdadeira unidade não devia ser um empreendimento individualista, mas a comunidade precisava participar na resolução dos conflitos entre os membros (4:3). Isto é, um crente tem que assegurar que ele não provoca disputas, e ele deve negar seus próprios interesses pessoais para preservar a unidade teológica em volta do evangelho, mas em adição a isso, um crente maduro também deve participar na ajuda a outros para resolver seus conflitos. Ele não faz isso como um intrometido, mas como um daqueles que são “espirituais” (Gálatas 6:1), capazes de restaurar outra pessoa. Isso implica que o dever de ajudar outros desse modo deveria ser desempenhado por aqueles que são mais espiritualmente maduros, especialmente os presbíteros da igreja, e não por neófitos ou membros problemáticos. Em todo caso, o princípio permanece que a comunidade deve ajudar a resolver conflitos individuais entre os membros.

Assim, em 4:3, Paulo especificamente pede a alguém que ele designa como “leal companheiro de jugo” para ajudar na reconciliação de duas mulheres, de modo que elas possam ser literalmente “uma mente no Senhor”. Novamente, a unidade bíblica nunca ignora desentendimentos teológicos, mas é caracterizada por ser “em uma mente” e “no Senhor”. A unidade bíblica é uma unidade que é encontrada numa compreensão essencial comum da teologia cristã. Aqueles que dizem que deveríamos de algum modo nos “unirmos” apesar dos importantes desentendimentos em teologia não estão encorajando uma unidade bíblica, mas uma unidade humanista, e assim se fazem inimigos de Cristo e da igreja. A verdadeira unidade tem que ser baseada em uma teologia comum e bíblica.

Um escritor produziu um livro que recomenda a unidade “cristã” a despeito das diferenças teológicas; porém, o título desse livro chama sua tentativa de construção de uma “estrutura teológica”! Mas, e se meus desentendimentos teológicos com ele incluírem até mesmo essa “estrutura teológica”? Encorajando um tipo de unidade que ignora diferenças *teológicas*, ele,

todavia, sugere uma estrutura *teológica* com a qual muitas pessoas podem discordar. O próprio título do seu livro contradiz e destrói o seu projeto. Unidade “cristã” é impossível se existirem diferenças teológicas maiores, uma vez que é a *teologia* cristã que define o que é “cristão” em primeiro lugar. Qualquer tentativa de esquivar-se desse princípio resultará em falsa unidade e falsa religião.

É melhor cortar completamente a comunhão do que comprometer o evangelho. Por outro lado, se os conflitos envolvem apenas diferenças insignificantes *pessoais*, ao contrário de diferenças *teológicas* essenciais, as Escrituras ordenam que neguemos a nós mesmos para preservar a harmonia por causa do evangelho.

De fato, isso é precisamente o que Paulo está dizendo que os filipenses devem fazer. Eles devem por de lado o interesse pessoal, de modo que possam manter a verdadeira unidade por causa do evangelho. Ele cita Cristo como o supremo exemplo de abnegação, e expressa sua confiança que eles imitariam a obediência do Senhor pela graça e poder de Deus. Isso não é apenas para que eles pudessem experimentar paz e quietude, mas antes para que eles pudessem ser “irrepreensíveis e puros” diante do mundo, para que possam “brilhar como estrelas no universo”, em contraste acentuado com essa “geração corrompida e depravada” composta de incrédulos.

Contudo, nosso papel não é principalmente demonstrar comportamento moral e unidade bíblica, como algumas pessoas têm alegado. Elas dizem que um exemplo moral faz mais para demonstrar a verdade da mensagem do evangelho do que mil sermões, mas eu digo que um sermão da Bíblia faz mais para demonstrar a verdade da mensagem do evangelho do que mil anos de exemplos morais perfeitos. A menos que haja uma mensagem clara e precisa, seu exemplo moral bíblico pode apenas inspirar alguém a se tornar sua própria idéia anti-bíblica de uma pessoa moral, talvez adotando uma falsa religião como o Islamismo ou Budismo. Certamente, a verdadeira moralidade vem somente como resultado da fé em Cristo, mas isso é alguma coisa que nós temos que *dizer* a eles, e não *mostrar* a eles. O conteúdo do evangelho não vem pela observação. É verdade que Deus nos ordena a formar um acentuado contraste moral com o mundo pelo nosso santo viver, mas isso é para que a mensagem possa ter livre curso, e não porque o exemplo moral por si vá fazer tanto bem. O exemplo moral é pela causa do evangelho, não o reverso.

F. F. Bruce certamente está errado quando escreve: “Ninguém aceitaria a mensagem deles com seriedade se a maneira deles viverem estiver em discrepância com a mensagem”.<sup>38</sup> *Ninguém?! Nenhuma pessoa* acreditaria no evangelho a menos que a vida dos crentes estivesse em completo acordo com a mensagem? É claro que o Espírito Santo usaria nosso exemplo moral como um dos meios pelo qual ele chama os eleitos para a fé na mensagem, mas todavia, nosso exemplo moral não é um meio necessário. Somente a própria mensagem é necessária para estabelecer um objeto de fé, e o Espírito Santo pode e traz muitas pessoas para a fé só através da mensagem, muitas vezes apesar do pobre exemplo dos crentes.

Eu teria acreditado no evangelho até se eu nunca tivesse visto um crente bom e consistente antes da minha conversão. Vamos pensar nisso: não estou certo de que tenha conhecido pessoalmente um crente assim quando fui convertido. Pela graça soberana de Deus, eu sabia que a mensagem podia ser verdadeira mesmo que aqueles que afirmavam segui-la não vivessem de acordo com ela. Pode existir toda uma multidão de razões porque eles falham

---

<sup>38</sup> F. F. Bruce, *International Biblical Commentary: Philippians*; Hendrickson Publishers, 1983, 1989; p. 85.

em viver pela sua fé – uma das quais sendo que a maioria daqueles que reivindicam serem cristãos são eles mesmos falsos conversos.

Rejeitar a mensagem do evangelho ou apostatar da fé por causa de hipócritas ou escândalos na igreja é completamente irracional. Talvez aqueles hipócritas nunca tenham sido cristãos verdadeiros, ou talvez eles tenham cometido um deslize temporário. E se você rejeitar o evangelho ou apostatar por causa deles, então talvez você também esteja entre os réprobos ou falsos conversos. O que podemos dizer com certeza é que você é estúpido.

Deus te responsabilizará pela sua atitude para com o evangelho, e você irá responder diretamente a ele. Como pessoas que se declaram seguidoras de Cristo se comportam não tem nenhum relacionamento direto com a questão do evangelho ser verdadeiro ou falso. De fato, as Escrituras dizem a você diretamente que haveria hipócritas na igreja. Se você pensa que o evangelho é verdadeiro ou falso, você deve confrontar diretamente seu conteúdo. Agora, se você acha que tem objeções racionais contra o evangelho, então você deveria refutar o sistema bíblico de apologética que eu tenho articulado nos meus livros;<sup>39</sup> de outro modo, o que você tem é apenas uma outra desculpa esfarrapada. Jesus diz que você é responsável por obedecer a palavra de Deus, estejam ou não outras pessoas dando bons exemplos a você (Mateus 23:2-3).

Tudo isso não remove o fato de que Deus nos ordenou viver vidas santas diante do mundo, de um modo que seja digno do evangelho em que viemos a crer. Eu estou me opondo apenas a aqueles que fazem nosso exemplo moral mais importante que a mensagem do evangelho, desde que isso é uma coisa que as Escrituras não ensinam. Nós lutamos para viver em santidade e unidade para que possamos firmemente sustentar *a palavra* da vida – a mensagem intelectual que dá a vida. Nossa moralidade e unidade *por si mesmas* nada fazem para recomendar o evangelho, uma vez que as pessoas nem saberiam o porquê somos tão moralistas e unidos se nós não lhes disséssemos.<sup>40</sup>

Paulo chama a sua geração de fraudulenta e depravada. Nossa própria geração quer ser vista como iluminada, liberada, mente aberta, abrangente e tolerante; contudo, a verdade é que, como toda geração de descrentes, essa é pecaminosa, perversa, cega, indecisa, irracional e estúpida. Ele não é correta em seu pensamento e comportamento; a única solução para nós é estabelecermos a correta, rígida, estreita, exclusiva, inflexível e “intolerante” verdade da palavra de Deus. Deus não tem interesse em “tolerar” *as suas* crenças; antes, ele ordena que você se arrependa e creia na mensagem *dele*, e abandone o seu estilo de vida e religião não-cristãos.

### **FILIPENSES 2. 19-30**

*Espero no Senhor Jesus enviar-lhes Timóteo brevemente, para que eu também me sinta animado quando receber notícias de vocês. Não tenho ninguém que, como ele, tenha interesse sincero pelo bem estar de vocês, pois todos buscam os seus próprios interesses e não os de Jesus Cristo. Mas vocês sabem que Timóteo foi aprovado porque serviu comigo no trabalho do evangelho como um filho ao lado de seu pai. Portanto, é ele quem espero enviar, tão logo me certifique da minha situação, confiando no Senhor que em breve também poderei ir.*

<sup>39</sup> Ver Vincent Cheung, *Ultimates Questions* [Questões Últimas] e *Presuppositional Confrontations* [Confrontações Pressuposicionistas].

<sup>40</sup> Veja Vincent Cheung, *The Light of Our Minds* [A Luz das Nossas Mentes], capítulo 2, “By Word and Deed”.

*Contudo espero que será necessário enviar-lhes de volta Epafrodito, meu irmão, cooperador e companheiro de lutas, mensageiro que vocês enviaram para atender às minhas necessidades. Pois ele tem saudades de todos vocês e está angustiado porque ficaram sabendo que ele esteve doente. De fato ficou doente e quase morreu. Mas Deus teve misericórdia dele, e não somente dele, mas também de mim, para que eu não tivesse tristeza sobre tristeza. Por isso, logo o enviarei, para que, quando o virem novamente, fiquem alegres e eu tenha menos tristeza. E peço que vocês o recebam no Senhor com grande alegria e honrem homens como este, porque ele quase morreu por amor a causa de Cristo, arriscando a vida para suprir a ajuda que vocês não me podiam dar.*

Jesus Cristo é o nosso exemplo máximo de abnegação e de considerar os interesses do reino de Deus acima dos nossos próprios interesses. Seu exemplo pode parecer muito difícil de imitar, mas isso é porque não muitas pessoas são verdadeiros cristãos. Visto que os velhos hábitos pecaminosos se tornaram tanto uma parte de você, removê-los pode ser tão doloroso que você sente como se estivessem lhe arrancando um olho ou decepando um dos seus membros (Mateus 5:29-30). Tanto quanto perseguir as nossas ambições egoístas e interesses pessoais são parte da nossa antiga maneira de pensar e viver, assim é difícil de negarmos a nós mesmos; contudo, é necessário, uma vez que aqueles que se recusam a negar-se a si mesmos por amor de Cristo não são cristãos (Mateus 16:24-25).

Embora seja difícil imitar o exemplo de abnegação de Cristo, é possível para o genuíno cristão, desde que seja o Espírito de Cristo que nos capacite a fazê-lo. De fato, o Espírito fez uma obra de conversão tão poderosa em Timóteo e Epafrodito que Paulo não pôde fazer nada, senão elogiar suas atitudes e serviço, mesmo quando ele escreve sobre seus planos de viagem. Esses dois servos de Cristo exemplificam as prioridades cristãs que Paulo deseja reforçar nos filipenses.

Paulo escreve que Timóteo é um dos que tomam “genuíno interesse” pelo bem estar dos crentes. Enquanto que os demais procuram pelos seus próprios interesses, Timóteo provou que ele é um que busca os interesses de Jesus Cristo. Esse é o tipo de pessoa que Paulo queria que todo crente se tornasse – alguém que busca os interesses de Jesus Cristo. Em termos gerais, esse é o teste pelo qual nós devemos examinar todos os ministros e todos os crentes – será que ele busca os seus próprios interesses, ou os interesses de Jesus Cristo?

Certamente, pessoas perversas querem distorcer a intenção de Paulo até nesse simples ponto, de forma que eles interpretam os interesses de Jesus Cristo como nossa prosperidade material e saúde física, e alguns indivíduos insanos parecem pensar que o principal interesse deles tem a ver com o socorro de animais e a proteção ambiental. Mas essas pessoas estão apenas tentando moldar suas próprias agendas pessoais em termos cristãos. Na realidade, eles ainda estão perseguindo seus próprios interesses, ainda que não queiram admitir isso. Por outro lado, através de toda essa carta, Paulo deixou claro que os interesses de Jesus Cristo têm a ver com a defesa do evangelho e a maturidade dos santos. Essas são as coisas sobre as quais a comunidade de nossa igreja devia se focalizar, ao invés de deixar a última coqueluche da moda definir as nossas prioridades.

Uma mulher me disse pelo telefone que ela deixou a igreja porque o seu pastor cancelou o programa de salvamento de animais da igreja, devido à falta de fundos. Que a igreja tinha um programa de resgate de animais em primeiro lugar me atordoou, mas como a mulher continuou pondo para fora sua raiva pelo pastor, estava claro para mim que ela nunca esteve interessada na defesa do evangelho nem na maturidade dos santos; antes, ela estava tentando

usar a igreja para promover o que *ela pensava* que era importante, que tinha pouquíssimo a ver com os crentes ou a humanidade em geral, mas tinha tudo a ver com animais. Ficou parecendo que ela me chamou porque queria que eu validasse seu ponto de vista. Em vez disso, eu lhe disse que ela estava cheia de orgulho e amargura, depois do que ela gritou comigo e desligou. Certamente, era pouco provável que ela fosse uma cristã em primeiro lugar.

Nós devíamos examinar nossas prioridades e projetos para ver se eles estão verdadeiramente servindo para promover os interesses de Cristo, ao invés de apenas admitir que estão. Provavelmente descobriremos que muitas das coisas que fazemos têm pouquíssimo a ver com Cristo, mas nós o mencionamos em ligação com o que estamos fazendo somente para nos fazer sentir melhor quanto a gastar o nosso tempo em coisas sem importância. Novamente, o interesse de Cristo tem a ver com a defesa do evangelho e a maturidade dos santos – nunca perca de vista essas coisas.

Timóteo demonstrou sua fidelidade, não simplesmente de um modo geral, mas ela ficou evidente no modo como ele serviu com Paulo na obra do evangelho, como um filho serve ao lado do seu pai. Isso nos leva a considerar o relacionamento entre Paulo e Timóteo. Agora, é verdade que a sua maior lealdade deveria ser para com Cristo. Ele é aquele que morreu por você, e ele é o único mediador entre você e o Pai. Se alguma vez chegar a uma escolha entre ser leal a Deus ou ser leal a um homem, então é claro que você deve manter sua lealdade a Deus – não existe o que discutir sobre isso.

Dito isso, Deus providencialmente arranja relacionamentos humanos na comunidade da igreja, de forma que você possa se encontrar estando debaixo da autoridade de outro crente na sua obra pelo evangelho. Usando o casamento como exemplo, embora Cristo seja o único Salvador e Mediador de uma mulher, Deus a colocou também sob a autoridade do marido. E ainda que a sua maior lealdade seja a Cristo, ela precisa ser leal também ao seu marido.

De maneira similar, embora a maior lealdade de Timóteo era para com Cristo, Deus arranjou as coisas para que ele tivesse uma ligação especial com Paulo, de forma que ele pudesse servir com o apóstolo na obra do evangelho. Portanto, em outro lugar Paulo lembra a Timóteo que exatamente como ele não devia se envergonhar de Cristo, também não devia se envergonhar de Paulo (2Timóteo 1:8). Timóteo provou a si mesmo como sendo fiel na obra do evangelho, porém mais que isso, ele foi fiel a Paulo enquanto fazendo a obra do evangelho, como um filho ao lado de seu pai. Ele não se ressentiu do arranjo providencial de Deus, mas em vez disso se submeteu à autoridade legítima em seus relacionamentos humanos.

Assim, ele difere grandemente daqueles que fazem a obra do evangelho a partir da “inveja”, “rivalidade”, e “ambição egoísta”. Você trabalha para o evangelho para ser algum tipo de celebridade, ou para que possa ganhar poder ou admiração? Você está querendo trabalhar na sombra de alguém que Deus providencialmente colocou acima de você? Ou você é de fato motivado pela ambição e o ciúme? Certamente, você não precisa comprometer o evangelho para servir alguém que esteja acima de você, mas assumindo que não é um problema no seu caso, então as Escrituras demandam que você negue suas ambições egoístas e interesses pessoais, e seja leal àquele que tem autoridade espiritual sobre você de acordo com a providência de Deus.

Paulo elogia também a Epafrodito, cuja abnegação e sacrifício são condizentes com um verdadeiro ministro do evangelho. Ele está angustiado não porque esteve doente, mas porque sabe que os filipenses souberam que esteve doente! Ao invés de focalizar no seu bem estar, ele está preocupado com o fato de que os filipenses se preocupem com ele. Essa é também a atitude de Paulo, e o apóstolo está o enviando de volta aos filipenses. Epafrodito tinha arriscado a sua vida para ajudar Paulo. Hoje, a maioria das pessoas que afirmam ser cristãs não se arriscariam a perder um pouco de sono ou um pouco de dinheiro por um pregador, para não dizer suas próprias vidas! Mas isso é o que a verdadeira abnegação exige. Epafrodito tinha em mente não os seus interesses pessoais, mas os interesses de Jesus Cristo, e então ele queria arriscar sua vida pela mensagem, e o mensageiro. Paulo escreve: “Honrem homens como ele”.



## 4. DE JUSTIFICADOS A SANTIFICADOS

### FILIPENSES 3:2-9

*Cuidado com os “cães”, cuidado com esses que praticam o mal, cuidado com a falsa circuncisão! Pois nós é que somos a circuncisão, nós que adoramos pelo espírito de Deus, que nos gloriamos em Cristo Jesus e não temos confiança nenhuma na carne, embora eu mesmo tivesse razões para ter tal confiança.*

*Se alguém pensa que tem razões para confiar na carne, eu ainda mais: circuncidado no oitavo dia de vida, pertencente ao povo de Israel, à tribo de Benjamim, verdadeiro hebreu, quanto à Lei, fariseu; quanto ao zelo, perseguidor da igreja; quanto à justiça que há na Lei, irrepreensível.*

*Mas o que para mim era lucro, passei a considerar como perda, por causa de Cristo. Mais do que isso, considero tudo como perda, comparado com a suprema grandeza do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor, por quem perdi todas as coisas. Eu as considero como esterco para poder ganhar Cristo e ser encontrado nele, não tendo a minha própria justiça que procede da Lei, mas a que vem mediante a fé em Cristo, a justiça que procede de Deus e se baseia na fé.*

Como cristãos, devemos ser participantes no evangelho, unidos pelo evangelho, e viver pelo evangelho. Devemos por de lado ambições egoístas e disputas insignificantes para preservar a nossa harmonia, para que possamos nos unir em volta de nossa mensagem e propósito únicos, e para que possamos efetivamente apresentar o direto e inflexível evangelho a essa geração desonesta e sem moral.

Contudo, temos que tentar manter a harmonia em nossa comunidade a todo o custo, porque o único fundamento sério para a unidade é uma teologia bíblica comum. Temos que por de lado nossas diferenças *pessoais* pelo bem do evangelho sem ignorar as nossas diferenças *teológicas*. Se não existe unidade teológica, então não há verdadeira unidade. Por outro lado, se a teologia que afirmamos não é consistente e compreensivelmente bíblica, então qualquer unidade à sua volta é ilusória e inútil. Teologia é a coisa mais importante em uma comunidade, porque é a teologia que define a comunidade e seu propósito, em primeiro lugar.

Portanto, além de praticar abnegação para preservar a unidade da nossa comunidade em volta de uma teologia bíblica, devemos guardar a nossa teologia contra a corrupção, para que os próprios alicerces da nossa unidade não sejam destruídos. A falsa doutrina pode se espalhar como gangrena se for deixada sem controle (2Timóteo 2:17), como “um pouco de fermento leveda toda a massa” (Gálatas 5:9). Os líderes da igreja têm que ajudar a prevenir a corrupção doutrinária ensinando regularmente a doutrina bíblica ao povo, e repetidamente alertando-os quanto a falsa doutrina. Isso sumariza seus deveres primários. Mas uma vez que os líderes da igreja detectarem a intrusão de falsa doutrina na comunidade, e se a persuasão com gentileza falhar em corrigir isso, então eles devem repreender duramente os transgressores na esperança de que eles possam retomar à saúde na doutrina e prática (Tito 1:13). Se os transgressores se recusarem ao arrependimento, então os líderes têm que removê-los da comunidade da igreja (1Timóteo 1:20). As Escrituras condenam como cúmplices aqueles que receberem ou apoiarem hereges (2João 9:11).

Paulo diz que aqueles que espalham falsas doutrinas são “cães”. Ele mais provavelmente está pensando naqueles judeus que, mesmo afirmando reconhecer Jesus como o Cristo,

continuavam a insistir que os gentios tinham que obedecer as leis cerimoniais de Moisés, e isso é representado pela submissão à circuncisão (Atos 15:1-5).<sup>41</sup> Eles dizem que mesmo sendo muito bom ter fé em Jesus Cristo, se faz necessário acrescentar a essa fé a obediência às leis cerimoniais de Moisés para ser justificado diante de Deus, ou pelo menos com o propósito de alcançar a perfeição (Gálatas 3:1-5).

Os judeus se referem aos gentios como “cães” (Marcos 7:27), e certamente todos os descrentes são como os cães, mas Paulo aplica o insulto aos judeus que contradizem o verdadeiro evangelho, por que *eles* também são não-salvos. Isso não significa que a atitude hostil de Paulo seja específica aos judeus, e que ele deveria ser mais gentil com outros hereges. Pelo contrário, as Escrituras aplicam esses e outros insultos contra aqueles que espalham falsas doutrinas e praticam feitos maléficis (Apocalipse 22:15).

Paulo não diz que hereges são meramente aqueles com uma “perspectiva diferente”, nem ele fala alguma coisa absurda como Deus revelar verdades a pessoas de diferentes persuasões religiosas, de forma que nosso entendimento total aumentaria se simplesmente nos uníssemos numa troca e diálogo amigáveis. Ele não diz que deveríamos ser “mente aberta e tolerantes”, ou que deveríamos “celebrar a diversidade”. Ele não fala essas coisas! Antes, aqueles que se opõe ao verdadeiro evangelho são cães, e sobre esse grupo de hereges em particular, com referência a circuncisão, ele escreve: “Quanto a esses que os perturbam, quem dera que se castrassem”! (Gálatas 5:12).

O que está sob ataque aqui é a doutrina da justificação pela fé, que é realmente uma doutrina que tem estado sob constantes ataques através de toda a história da igreja, até os nossos dias. A Reforma do século dezesseis trouxe de volta essa doutrina ao primeiro plano, e por um tempo ela brilhou esplendorosamente. Mas cada geração tem que renovar a luta pela verdade, e isso é certamente o caso quando se trata dessa doutrina, porque o que ela ensina vai contra qualquer tendência dos inconversos.

Como já foi mencionado nesse livro, justificação pela fé não é no sentido que você pode se salvar pela sua fé; antes, a doutrina acentua que você nada pode fazer para se salvar, mas que você precisa depender totalmente de outra pessoa para te salvar. Portanto, a doutrina não está ensinando justificação pela fé *como tal* ou *por si mesma*, mas ela está ensinando que a justificação é somente *por Cristo*. É Cristo quem te salva, e não a fé em si mesma. A fé tem um papel porque é Cristo quem salva você por meio da fé que ele dá a você nele. A doutrina é ofensiva ao réprobo porque ordena a ele que abandone completamente seu esforço para salvar a si mesmo, e reconhecer sua total dependência e desesperança, enquanto que tudo o que ele quer é ser como um deus, não tendo quem governe sobre ele. Isso quer dizer que ninguém irá verdadeiramente afirmar essa doutrina da justificação pela fé a menos que Deus soberanamente opere nele para mudar a sua mente.

Isso nos leva a uma questão muito importante, que é o fato que nenhuma doutrina bíblica se sustenta totalmente sozinha; antes, toda doutrina bíblica envolve pelo menos várias outras doutrinas bíblicas que têm que ser articuladas de uma maneira que seja consistente entre elas, e consistentes com a doutrina em discussão. Porque nenhuma doutrina permanece por si mesma, é insuficiente e enganoso pregar a justificação pela fé como se ela não estivesse relacionada a outras doutrinas; isto é, é errado insistir que pessoas afirmem a justificação pela

---

<sup>41</sup> Aqui estamos distinguindo as leis cerimoniais da velha aliança das leis morais eternas que Deus revelou. Enquanto as leis cerimoniais foram cumpridas em Cristo, as leis morais continuam sendo obrigatórias a todas as pessoas.

fé, e então dizer a eles que podem acreditar no que quiserem sobre outras doutrinas que estejam relacionadas com ela e ainda ser salvo.

“Justificação pela fé” é estenografia para diversas doutrinas relacionadas, e você precisa ter uma visão correta de cada uma dessas doutrinas. De um lado, parece possível afirmar uma visão correta de justificação mesmo se você afirmar uma falsa visão de, digamos, o governo da igreja. Por outro lado, importa mesmo de onde você pensa que a “fé” da “justificação pela fé” vem, se vem de invenção humana ou da graça divina. Se você pensa que a fé vem da sua própria força de vontade ou decisão, sem a soberana escolha de Deus lhe concedendo essa fé, então você tem subvertido a idéia inteira de justificação pela fé, que é a total dependência de Deus para a salvação.

Uma mulher me disse: “Eu posso não ser uma boa cristã, mas não sou uma pessoa má”. Ela me disse que iria para o céu porque nunca fez qualquer coisa realmente horrenda, e ela tenta ajudar os outros sempre que possível. Mas seja lá como for que ela se chame, essa visão faz dela uma humanista, não uma cristã. Em todo caso, eu conheço essa mulher – ela não tenta ajudar os outros sempre que possível. Assim, no mínimo ela é uma mentirosa.

Em adição, de acordo com a Bíblia, se você não é um bom cristão, então você é sem dúvida uma pessoa má. Que ela acreditava que não era uma pessoa má ainda que não fosse uma boa Cristã, mostra que ela não compreendia o evangelho, pois se ela não fosse uma pessoa má, então não precisaria do evangelho de forma alguma. Mas a Bíblia deixa claro que qualquer pessoa é uma pessoa má sem a justificação que vem de Deus através da fé em Cristo. Ela não era muito diferente de outra mulher que me disse que nunca tinha pecado de forma alguma. Mas isso quer dizer que ela não podia afirmar a justificação pela fé, visto que o que ela disse implicava que, antes de tudo, ela não precisava de justificação!

Por outro lado, Paulo diz: “Pois todos pecaram e estão destituídos da glória de Deus” (Romanos 3:23), e João diz: “Se afirmarmos que estamos sem pecado, enganamos a nós mesmos, e a verdade não está em nós” (1João 1:8). Isso é o que a Bíblia diz, mas visto que essa mulher insistiu que nunca pecou, poderia ela ainda afirmar a inerrância bíblica? E se ela não afirmava a inerrância bíblica, sobre que base autoritária ela poderia afirmar que era uma cristã, ou que iria para o céu? De fato, se a posição dela tornou impossível afirmar a inerrância bíblica, como ela poderia definir pecado autoritativamente, sobre que base poderia afirmar-se sem pecado? Se você nunca reconheceu que é um pecador miserável, como você pode afirmar que foi justificado pela fé?

Certamente, essas pessoas falharam em pensar nessas questões, mas o caso é que você não pode afirmar apenas “justificação pela fé” e ao mesmo tempo afirmar visões heréticas sobre outras doutrinas bíblicas relacionadas, visto que afirmar visões heréticas sobre outras doutrinas bíblicas relacionadas, automaticamente torna impossível afirmar verdadeiramente a “justificação pela fé”. O acima exposto mostra que para afirmar justificação pela fé com propriedade, você deve afirmar também a soberania de Deus, a depravação do homem, e a infalibilidade das Escrituras. Agora, visto que justificação pela fé está se referindo à fé na obra redentora de Cristo, uma pessoa deve ter também uma visão correta da expiação. Visto que a expiação é uma provisão somente de Deus para a salvação, ela conseqüentemente implica na exclusividade de Cristo. “Justificação pela fé” não se refere à fé apenas em qualquer coisa, mas a fé tem que ter um objeto correto.

Podemos ver agora a loucura daqueles que dizem que a teologia não é importante conquanto estejamos de acordo naquelas coisas que se relacionam com a salvação, e conquanto todos nós preguemos o evangelho. Quais são as coisas que se relacionam com a salvação, e quais são as visões apropriadas sobre essas coisas? E o que é o “evangelho”? Essas questões envolvem mais do que muitas pessoas pensam. Agora nós podemos entender porque a salvação está ligada ao estudo e conhecimento das Escrituras (2Timóteo 3:15). Você não pode afirmar e pregar o “evangelho” corretamente sem o estudo de teologia, porque a teologia correta é o evangelho.

Você pode imaginar que muitos, ou até a maioria, dos que declaram afirmar a justificação pela fé na realidade não sabem o que estão dizendo. Ela é tão repetida que se tornou um slogan entre os cristãos, mas muitos dos que pensam que afirmam e pregam a justificação pela fé de fato não o fazem. Eles podem estar na realidade se referindo à justificação pela fé *mais as obras*, justificação pela fé em “deus”, mas não na obra de Cristo, ou justificação por uma “fé” que é gerada por suas próprias forças de vontade e não soberanamente concedida por Deus. Mas qual é o problema? Não estamos simplesmente sendo meticulosos? Não, existe um grande problema em rejeitar ou entender incorretamente essa doutrina, e não estamos apenas sendo meticulosos, porque a verdadeira doutrina da justificação pela fé é realmente o próprio evangelho. Uma falsa compreensão dessa doutrina não é o evangelho de forma alguma, e, portanto, não pode salvar ninguém.

Assim, Paulo reserva algumas de suas mais severas repreensões e insultos para aqueles que pregam uma falsa visão da justificação, e para os que crêem neles. Novamente, aqueles que pregam uma visão diferente da justificação não são companheiros crentes que meramente sustentam uma perspectiva diferente, porém aceitável; antes, Paulo diz que eles pregam um “evangelho diferente”, completamente, “que na realidade não é evangelho de modo algum”, e que eles serão “eternamente condenados” (Gálatas 1:6-9). Isto é o quão sério o assunto é – aqueles que pregam uma falsa visão da justificação sofrerão para sempre no inferno, e também sofrerão aqueles que acreditam naquilo que eles pregam (Romanos 3:28, 11-6; Gálatas 3:10-11). Nós não podemos suportar “perspectivas” diferentes nesse assunto, porque elas são na realidade evangelhos diferentes, ao passo que existe somente um evangelho verdadeiro (2Coríntios 11:3-4).

Certamente, isso deixa o caminho da salvação muito estreito, e não muitos irão aceitar, mas é consistente com o que a Bíblia diz sobre a natureza do evangelho e sua recepção pelas pessoas: “Entrem pela porta estreita, pois larga é a porta e amplo o caminho que leva à perdição, e são muitos os que entram por ela. Como é estreita a porta, e apertado o caminho que leva à vida! São poucos os que a encontram” (Mateus 7:13-14, 22-14; Lucas 13. 23-24; Romanos 9:27). O problema é que “algumas vezes nós não apresentamos o evangelho bem o suficiente para que os não eleitos o rejeite”.<sup>42</sup>

Os evangelistas heréticos modernos fariam você acreditar que é fácil ser salvo, mas a Bíblia ensina que a salvação é completamente impossível, *a menos* que Deus especificamente escolha salvar você. Eles pensam que a Bíblia ensina que o caminho da salvação é tão fácil e simples que até “os tolos não o errarão” (Isaías 35:8 KJV), no sentido de que até os tolos podem compreender o evangelho e não cometerão um erro quanto a ele. Porém, o versículo está dizendo exatamente o contrário: “E ali haverá uma grande estrada, um caminho que será chamado Caminho da Santidade. Os impuros não passarão por ele; servirá apenas aos que são

---

<sup>42</sup> John Mac Arthur, *Hard to Believe*: Thomas Nelson, Inc., 2003; p. 20.

do Caminho; os insensatos não o tomarão” (NVI). Isto é, “o Caminho” (Atos 9:2, 19:9-23; 24:14-22) é reservado para aqueles a quem Deus escolheu e Cristo redimiuiu,<sup>43</sup> de modo que os impuros e os tolos não entrarão por ele, e nem mesmo tropeçarão nele ou nele perambularão por engano.

O verdadeiro evangelho é ofensivo aos réprobos, como deveria ser; porém, os evangelistas heréticos de hoje tentam apresentar o evangelho de um modo que ele não ofenda a ninguém. Assim, a maioria das pessoas que eles trazem para a igreja são falsos conversos. Por outro lado, Cristo deixou claro as demandas “impossíveis” do evangelho, tanto que alguns daqueles que inicialmente o seguiram não puderam suportar e então o deixaram (Mateus 19. 22; João 6:60-61, 66). Certamente, estes nunca foram seus verdadeiros discípulos em primeiro lugar (João 8:31; 1João 2:19). John Mac Arthur escreve:

O caminho fácil sempre nos tenta. Algumas vezes fazemos o evangelho tão fácil que nem é mais evangelho de modo algum. Nós cristãos nos preocupamos com quanto é difícil seguir em frente com novos conversos. Uma grande igreja na América relatou que teve 28.000 conversões em um ano, batizou 9.600 pessoas, e teve 123 filiações. O fato é que aquelas 28.000 pessoas não foram salvas se somente 123 se filiaram à igreja. O problema não é a dificuldade em dar seqüência; o problema é a dificuldade da conversão. Nós estamos tentando seguir adiante com pessoas que nunca foram redimidas.

Eu me lembro de um “evangelista em profundo” esforço no Equador alguns anos atrás. O relatório dizia que milhares foram salvos, mas só dois puderam ser encontrados na igreja. Aquilo não foram conversões. Verdadeiros crentes anseiam, como criancinhas, pelo leite da Palavra e os cristãos por adoração e comunhão. Eles amam o Senhor e o Seu Povo...

As pessoas desertam do evangelho porque foram a ele levadas inicialmente pela razão errada. O entusiasmo da multidão, não o significado da mensagem, os engana inicialmente. Uma multidão animada, e o valor da produção de um culto enfatizando a perícia do apresentador ao invés das Escrituras, impressionam os visitantes desses dias modernos...

Popularidade não ajuda. Quando Jesus era popular, Ele atraiu aqueles que eram “seguidores” superficiais. Discípulos genuínos eram trazidos não por espetáculos, mas pela verdade, pelo poder, e o caráter de Sua mensagem.

A Cristandade tem que ser muito cuidadosa quando é popular. A ação e o movimento de uma massa de gente cativa as pessoas. Eles se juntam em um estádio esportivo, ou um grande auditório ou igreja, para serem parte de um grande evento. Há uma energia, um sentimento de disposição revigorada, mas muitos dos participantes estão lá por causa da multidão, não por causa do Reino. Eles estão procurando por alguma intervenção miraculosa em seu favor, ou a promessa de alguma coisa que eles possam transformar em dinheiro. Ou apenas um bom espetáculo...

---

<sup>43</sup> Deus escolheu algumas pessoas para a salvação na eternidade, e Cristo redimiuiu esses indivíduos – e somente esses indivíduos – na história. Veja Vincent Cheung, *Systematic Theology*.

Essa questão me preocupa profundamente quanto a maioria das modas passageiras evangélicas de hoje. Que tipo de pessoas elas estão atraindo? Seduzidas pela multidão e a promessa de alguma coisa sobrenatural, mas cheias de desejo de prosperidade pessoal, elas não compreendem as questões da eternidade. Até que eles o façam e confessem as suas necessidades, *elas nunca serão salvas*.<sup>44</sup>

Você afirma e prega a ilusão vazia de um evangelho fácil, ou a dura realidade de um evangelho “impossível” – um cujas exigências só podem ser satisfeitas pela graça e poder soberanos de Deus (Mateus 19:25-26)? Um falso evangelho atrai os réprobos e repele os eleitos (João 10:4-5), mas o verdadeiro evangelho ofende os réprobos e desperta os eleitos (1Coríntios 1:21-25). Isto não tem nada a ver com a sua eloquência ou carisma, mas tem tudo a ver com o conteúdo da sua mensagem.

A explicação última para a rejeição das pessoas ao evangelho da justificação pela fé em Cristo, é que Deus designou essas pessoas como réprobos e soberanamente endurece seus corações contra a mensagem. Romanos 9:18 diz: “Portanto, Deus tem misericórdia de quem ele quer, e endurece a quem ele quer”. Não há interpretação alternativa legítima para esta e muitas outras passagens bíblicas que declaram que a decisão do homem está debaixo do controle absoluto de Deus, mesmo quando se trata de aceitar ou rejeitar o evangelho. Deus mostra sua misericórdia àqueles a quem ele soberanamente escolheu regenerando-os, mudando suas mentes, concedendo a eles arrependimento e fé, de forma que possam crer no evangelho e serem salvos. Por outro lado, ele demonstra a sua ira àqueles a quem ele soberanamente condenou lhes dando “um espírito de estupor” (Romanos 11:8), endurecendo suas mentes, de forma que eles não verão a verdade do evangelho e se recusarão a aceitá-la.

Uma manifestação principal de suas mentes endurecidas é a rejeição que eles têm da justificação pela fé em preferência pela sua “confiança na carne” (v. 3). Eles se recusam a reconhecer o direito de Deus de definir o bem e o mal (Gênesis 3:5). Mesmo quando eles reconhecem o direito de Deus de definir o bem e o mal, eles recusam reconhecer os seus pecados (1João 1:8). Mesmo que eles reconheçam os seus pecados, eles recusam reconhecer sua completa impotência espiritual. Em vez de depender da misericórdia soberana de Deus para salvá-los, eles dependem de suas próprias credenciais humanas.

Paulo responde que se cada um pudesse confiar na carne, ele seria o primeiro. Pelo menos de acordo com os parâmetros do Judaísmo, ele tem o pedigree certo, a filiação certa, as credenciais cerimoniais certas e conquistas humanas certas. Quando se trata de “justificação legalista”, Paulo se diz “irrepreensível” (v. 5-6).

Contudo, Paulo descobriu que meras credenciais humanas nunca poderiam salvar quem quer que fosse, visto que a salvação é pela graça através da fé, e não pelas obras da Lei. Ele não poderia depender tanto da graça como das obras para a justificação, uma vez que essas duas maneiras são mutuamente exclusivas: “E, se é pela graça, já não é mais pelas obras; se fosse, a graça não seria graça” (Romanos 11:6).<sup>45</sup>

<sup>44</sup> Mac Arthur, p. 115-116, 162-163,170.

<sup>45</sup> Não estamos dizendo que a graça *como tal* contradiz as obras *como tais*. De fato, Deus nos salva pela graça (através da fé e aparte das obras, Romanos 4:6), *de forma* que possamos desempenhar boas obras (Efésios 2:8-10). Antes, estamos dizendo que *dependência* da graça de Deus para a salvação contradiz *dependência* de nossas

Portanto, para depender da graça soberana de Deus, Paulo teve que renunciar suas credenciais humanas. Ele teve que considerar como “coisa sem valor” (literalmente “estrupe”) todos os seus méritos humanos, e todas as coisas que ele entendia como seus mais valiosos bens e realizações. Ele não podia considerar suas credenciais humanas como meramente insuficientes; antes, ele não podia considerá-las como dando-lhe algum crédito de forma alguma, mas como coisas que verdadeiramente aumentavam seu débito para com Deus. Assim, ele as renuncia, e se arremessa aos pés de Jesus Cristo em total impotência e dependência de sua misericórdia.

Os réprobos se recusam a fazer isso. Embora eles tenham razões ainda mais fracas para ter “confiança na carne”, eles recusam renunciar suas frágeis credenciais humanas, mas insistem na busca da justificação como se pudessem alcançá-la pelas obras (Romanos 9:32). Mas visto que a justificação vem somente pela fé em Cristo, essas pessoas nunca serão salvas. Alguns deles têm professado religiões não-cristãs por muitos anos, e se tivessem que renunciar a essas falsas religiões, o que aconteceria com seu *status*, seu respeito, seus amigos, seus parentes – e se eles trabalham para essas organizações religiosas – seus empregos? Se eles pudessem simplesmente acrescentar o Cristianismo às suas próprias religiões, eles o fariam, mas uma vez que isso é impossível, eles preferivelmente rejeitariam o Cristianismo para não enfrentar o prospecto de ter que começar tudo de novo.

“Começar tudo de novo”? você pode se admirar, “mas eles nunca começaram no caminho certo para iniciar”? Certamente você está certo, mas eles não vêem suas credenciais humanas como “esterco”, ainda que isso seja como Deus as vê, e assim, eles se agarrariam firmemente ao seu precioso excremento ao invés de “ganhar a Cristo” (v. 8). Vocês poderiam dizer: “Mas não é absurdo perder a alma de alguém para conservar uma ilusão”? Claro que é absurdo, mas as Escrituras nunca diz que os réprobos são espertos.

Então, existem aqueles que têm se chamado de cristãos por muitos anos, mas Jesus diz: “Nem todo aquele que me diz ‘Senhor, Senhor,’ entrará no reino dos céus, mas apenas aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus” (Mateus 7:21). Suas profissões de fé podem ter sido falsas todo esse tempo, talvez porque eles nunca tenham compreendido o evangelho, e porque Deus nunca desempenhou uma genuína obra de salvação neles. Se eles estão entre os réprobos, então suas reações serão as mesmas quando forem confrontados com o verdadeiro evangelho da justificação pela fé; isto é, eles se recusarão a renunciar todas as suas credenciais e realizações “cristãs” anteriores, para poder ganhar a Cristo.

Eles podem até ter a pretensão de professar o evangelho da justificação pela fé, mas você sabe que eles estão mentindo quando os vê rindo para você com os rostos todos lambuzados de estrupe. Eles não confiam realmente apenas em Cristo para sua salvação, mas têm “confiança na carne”. Todos os seus atos de justiça são como “trapos imundos” (Isaías 64:6) – eles não são bons. Você tem que não apenas acrescentar Cristo às suas próprias credenciais, mas tem que totalmente renunciar a elas como base para a sua justificação diante de Deus; de outro modo, não existe chance de que você seja salvo. Como o Artigo 22 da Confissão Belga afirma:

---

boas obras para a salvação, e que esta última não pode salvar de modo algum, de forma que a dependência da graça de Deus é o único caminho para a salvação.

Pois das duas, uma: ou não se acha em Jesus Cristo tudo o que é necessário para nossa salvação, ou tudo se acha nele, e, então, aquele que possui Jesus Cristo pela fé, tem a salvação completa. Dizer porém que Cristo não é suficiente, mas que, além dele, algo mais é necessário, significaria uma blasfêmia horrível. Pois Cristo seria apenas um Salvador incompleto. Por isso, dizemos, com razão, junto com o apóstolo Paulo, que somos justificados somente pela fé, ou pela fé sem as obras.

Entretanto, não entendemos isto como se a própria fé nos justificasse, mas ela é somente o instrumento com que abraçamos Cristo, nossa justiça. Mas Jesus Cristo, atribuindo-nos todos os seus méritos e tantas obras santas, que fez por nós e em nosso lugar, é nossa justiça. E a fé é o instrumento que nos mantém com ele na comunhão de todos os seus benefícios. Estes, uma vez dados a nós, são mais que suficientes para nos absolver dos pecados.

Poucas coisas podem ser mais importantes do que entender corretamente a doutrina da justificação pela fé, porque é impossível para uma pessoa ser salva a menos que professe tal evangelho – não que exista algum outro (Gálatas 1:6-9). Por um lado, existe a justificação que vem do homem, que não justifica coisa alguma, e por outro lado, existe a justificação que vem de Deus, que é pela fé e somente ela salva. Somente pela última – a justificação que vem de Deus pela fé – você pode esperar atingir uma ressurreição como a ressurreição de Cristo.

Portanto, certifique-se que a “justificação pela fé” não é apenas um *slogan* vazio para você, mas que é a sua sincera afirmação baseada em uma compreensão teológica sadia. Pela mesma razão, é conveniente aplicar os mais extremos insultos a aqueles que pregam um falso evangelho, visto que eles são aqueles que “fecham a porta do Reino dos céus diante dos homens!”; eles próprios não entram, nem deixam que os outros entrem (Mateus 23:13). Eles são piores que cães e porcos e bestas estúpidas; isso é um caso de céu e inferno, e os líderes da igreja têm que tratar duramente com os falsos mestres.

#### **FILIPENSES 3:10-21; 4:1**

*Quero conhecer Cristo, o poder da sua ressurreição e a participação em seus sofrimentos, tornando-me como ele em sua morte para, de alguma forma, alcançar a ressurreição dentre os mortos. Não que eu já tenha obtido tudo isso ou tenha sido aperfeiçoado, mas prossigo para alcançá-lo, pois para isso também fui alcançado por Cristo Jesus. Irmãos, não penso que eu mesmo já o tenha alcançado, mas uma coisa faço: esquecendo-me das coisas que ficaram para trás e avançando para as que estão adiante, prossigo para o alvo, a fim de ganhar o prêmio do chamado celestial de Deus em Cristo Jesus. Todos nós que alcançamos a maturidade devemos ver as coisas dessa forma, e, se em algum aspecto vocês pensam de modo diferente, isso também Deus lhes esclarecerá. Tão-somente vivamos de acordo com o que já alcançamos.*

*Irmãos, sigam unidos o meu exemplo e observem os que vivem de acordo com o padrão que lhes apresentamos. Pois, como já lhes disse repetidas vezes, e agora repito com muitas lágrimas, há muitos que vivem como inimigos da cruz de Cristo. O destino deles é a perdição, o seu deus é o estômago e eles têm orgulho do que é vergonhoso; só pensam nas coisas terrenas. A nossa cidadania, porém, está nos céus, de onde esperamos ansiosamente o Salvador, o Senhor Jesus Cristo. Pelo poder que o capacita a colocar todas as coisas debaixo do seu domínio, ele transformará os nossos corpos humilhados, tornando-os semelhantes ao seu corpo glorioso. Portanto, meus irmãos, a quem amo e de quem tenho*



*saudade, você que são a minha alegria e a minha coroa, permaneçam assim firmes no Senhor, ó amados!*

O legalismo não é o único inimigo da justificação pela fé, mas muitas pessoas têm rejeitado ou distorcido a doutrina de outra maneira, de forma que interpretam a justificação pela fé como uma licença para pecar com impunidade. Isso é “ilegalidade” ou antinomianismo. Aqueles que promovem essa heresia raciocinam falsamente: “Se a justificação depende da graça de Deus e não das minhas obras, e se a graça de Deus vai sempre exceder a minha perversidade, então isso significa que eu posso pecar tanto quanto quiser, e ainda serei salvo”.

Paulo antecipa esse abuso e responde: “Que diremos então? Continuaremos pecando para que a graça aumente? De maneira nenhuma!” (Romanos 6:1-2). Mas porque não? Ele explica: “Nós, os que morremos para o pecado, como podemos continuar vivendo nele? (v. 2). Então, isso é o que faz o antinomianismo inconsistente com a justificação pela fé – algo acontece conosco em nossa conversão que torna impossível para nós continuarmos em uma vida de pecado. As Escrituras dizem que fomos “regenerados” (Tito 3:5), e que fomos “nascidos de novo” (João 3:3). João escreve: “Todo aquele que é nascido de Deus não pratica o pecado, porque a semente de Deus permanece nele, ele não pode estar no pecado porque é nascido de Deus” (1João 3:9).

Paulo diz que o cristão deve morrer “para o pecado,” e que “o pecado não os dominará” (Romanos 6:14). Ele explica que visto que a graça nos libertou de sermos escravos do pecado, devemos parar de obedecer a ele. Mas a graça não nos deixa ser os nossos próprios senhores, porque ela nos fez “escravos da justiça” (Romanos 6:18). Portanto, ele diz: “Assim como vocês ofereceram os membros de seus corpos em escravidão à impureza e à maldade que leva à maldade, ofereçam-nos agora em escravidão à justiça que leva à santidade (Romanos 6:19). Ao invés de levar ao antinomianismo, a justificação pela fé leva a um estilo de vida correto e torna impossível o antinomianismo.

Quando Deus salva uma pessoa, ele a regenera pela mudança de sua disposição, de uma de amor à maldade para amor à retidão, de uma de amor egoísta para amor por Cristo, e de uma de desafio contra Deus para obediência a Deus. Então, Deus concede a essa pessoa fé no evangelho de Cristo, e sobre essa base Deus a justifica em Cristo. Daí em diante, ainda que esse crente possa cambalear enquanto ele anda pelo caminho da salvação, seu estilo de vida entretanto se torna um de ardente busca por conhecimento bíblico e santidade. Ele foi nascido de Deus, e age como tal (1João 3:9). Nossa regeneração e justificação não somente muda nossa posição diante de Deus, mas nos mudam até o mais profundo nível do nosso consciente, produzindo uma mente e um estilo de vida piedosos.

A graça produz desejos piedosos no crente. Paulo diz aos filipenses que ele quer conhecer a Cristo. Naturalmente Paulo já conhecia a Cristo: ele conhecia a Cristo melhor do que qualquer um de nós pode conhecê-lo durante toda a nossa vida. Mas ele queria conhecer a Cristo mais e mais! Ele desejava conhecer mais do poder de Cristo que estava agora operando nele para produzir maior conhecimento e santidade (Efésios 1:16-23; 3:16-21). Ele estava sedento de participar mais profundamente no sofrimento de Cristo, e suportar provações por causa do evangelho, “tornando-se como ele em sua morte”, e chegar à ressurreição da morte.<sup>46</sup>

<sup>46</sup> “De algum modo” no verso 11 não implica em que Paulo duvida que ele chegará a ressurreição, mas a expressão mais provavelmente se refere à incerteza que ele tinha sobre o tempo e as circunstâncias pelas quais

A graça produz genuína humildade no crente. Paulo admite que ele ainda não alcançou a perfeição. Mas a mesma graça que o salva e humilha também lhe dá um empenho e um zelo para perseguir essa perfeição em Cristo. Mais do que ficar satisfeito consigo mesmo ou desencorajado, Paulo diz que ele se esforça “para tomar posse daquilo por que Cristo Jesus to-mou posse por mim”. Se você é um cristão, foi Cristo quem te cativou. Não pense por um momento que você é quem iniciou seu relacionamento com ele, ou que você de algum modo teve o bom senso de aceitar o evangelho por sua própria e “livre vontade”. Hoje você é um cristão porque Deus te escolheu, não porque você o escolheu (João 15:16). Hoje você o ama porque primeiro soberanamente ele decidiu te amar, e colocou esse amor em você para que pudesse amar a ele e aos outros (Romanos 5:5).

Mas contrário ao antinomianismo, ele não escolheu te salvar para que você possa continuar pecando impunemente; antes, ele o escolheu para produzir frutos que permaneçam (João 15. 16; Filipenses 1:11). Ou, como Paulo coloca aqui, Cristo se apossou de você para que você possa, por sua vez, se apossar de alguma coisa. Isto é, depois que Paulo foi justificado, e certamente *porque* ele foi justificado, *ele se esforça*, a fim de que possa se tornar perfeitamente santificado. Seu foco está em se esforçar e avançar, e não na expectativa de realmente atingir a perfeição sem pecado nessa vida, que ele ainda não tinha alcançado depois de todos esses anos de feroz combate.

Todavia, ele recusa buscar a santificação com apenas a metade do coração. Mas ele *se esforça* na santificação, como se estivesse treinando para correr em uma competição de atletas. Ele não fica apenas sentado ali repetindo o *slogan* antibíblico: “Relaxe e deixe tudo com Deus”. Justificação pela fé não exclui uma consciente e vigorosa perseguição do conhecimento e da santidade. De fato, se você não pressiona dessa forma, isso mostra que nunca foi mudado por Cristo, e assim você nunca foi salvo. Desse modo, nessa curta passagem, Paulo rejeita o legalismo, o antinomianismo, o perfeccionismo e o quietismo.

A graça transforma por inteiro o estilo de vida do crente, de forma que, em contraste com aqueles que se importam com as “coisas terrenas”, sua vida é caracterizada por pensamentos centrados em Deus e conversações centradas em Deus (Malaquias 3:16). Como Paulo escreve em outro lugar: “Quem vive segundo a carne tem a mente voltada para o que a carne deseja; mas quem vive de acordo com o Espírito, tem a mente voltada para o que o Espírito deseja” (Romanos 8:5). “Todos nós que somos maduros devíamos ter essa visão das coisas”, e em todo caso, “vivamos para o que já temos alcançado”.

É verdade que Deus salva você apenas pela fé separada das obras, mas se a sua fé for real, então você produzirá boas obras pelo poder e influência do Espírito em você. Agora, é possível que você pense e professe que tem fé real, mas na realidade a sua fé não é de modo algum real. Se a sua “fé” não resultar em uma transformação básica e permanente dos seus pensamentos e ações, então você nunca foi salvo. Como Jesus adverte:

Nem todo aquele que me diz: “Senhor, Senhor”, entrará no reino dos céus, mas apenas aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus. Muitos me dirão naquele dia: “Senhor, Senhor, não profetizamos em teu nome? e em teu nome não expulsamos

---

ele chegaria àquele ponto. Assim, é uma questão da providência de Deus, e não da posição de Paulo diante de Deus (Romanos 8:35-39).

demônios e não realizamos muitos milagres?” Então eu lhes direi claramente: “Nunca os conheci. Afastem-se de mim vocês, que praticam o mal!”

Portanto quem ouve estas minhas palavras e as pratica é como um homem prudente que construiu a sua casa sobre a rocha. Caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e deram contra aquela casa; e ela não caiu, porque tinha os seus alicerces na rocha. Mas quem ouve estas minhas palavras e não as pratica é como um insensato que construiu a sua casa sobre a areia. Caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e deram contra aquela casa, e ela caiu. E foi grande a sua queda. (Mateus 7:21-27).

Somente aqueles cuja “fé” produz obediência são verdadeiramente salvos, mas “muitos” (v. 22) estão enganados sobre suas condições espirituais, porque não compreendem a mensagem do evangelho, ou porque as suas mentes foram endurecidas contra ela. “Afastem-se da iniquidade todo aquele que confessa o nome do Senhor” (2Timóteo 2:19).

Nós temos enfatizado a importância da união em volta do evangelho, e agora vemos que esse evangelho tem um conteúdo muito específico. Estar unidos em volta do evangelho significa concordar quanto a justificação pela fé e rejeitar todas as distorções e aberrações. Então, sobre a base dessa unidade teológica, pressionamos para buscar a completa santificação. Ainda que pareça que nunca a alcançaremos nessa vida, esqueçamos o que está atrás e avançamos para alcançarmos aquilo para o qual fomos alcançados por Cristo. Nós não fazemos isso pelo nosso próprio poder, visto que não temos nenhum poder em nós mesmos (João 15:4-5), e não fazemos isso para que possamos ser justificados diante de Deus; antes, buscamos a santificação porque já fomos justificados,<sup>47</sup> e porque o poder de Deus agora opera em nós para produzir santificação. E na medida em que assim procedemos, cresceremos na certeza do nosso chamado e eleição (2Pedro 1:10).

#### **FILIPENSES 4:6-9**

*Não andem ansiosos por coisa alguma, mas em tudo, pela oração e súplicas, e com ação de graças, apresentem os seus pedidos a Deus. E a paz de Deus que excede todo o entendimento, guardará o coração e a mente de vocês em Cristo Jesus.*

*Finalmente, irmãos, tudo o que for verdadeiro, tudo o que for nobre, tudo o que for correto, tudo o que for puro, tudo o que for amável, tudo o que for de boa fama, - se houver algo de excelente ou digno de louvor, - seja isso o que ocupa os vossos pensamentos. Ponham em prática tudo o que vocês aprenderam, receberam, ouviram e viram em mim. E o Deus da paz estará com vocês.*

Se você foi justificado diante de Deus através da fé em Cristo, então você é um cidadão do céu (3:20). Se você é um cidadão do céu, então você deve agir como tal (3:17-21), pois até então, você não tem garantia bíblica suficiente para estar certo de que foi justificado diante de Deus (2Pedro 1:10). Você age como um cidadão do céu focalizando seus pensamentos em coisas espirituais em vez de em coisas terrenas (3:19-20). Agora, nós compreendemos que o pecador nasce com uma disposição básica pecaminosa em sua mente, e por toda a sua vida, essa disposição maléfica o leva a desenvolver e reforçar numerosos hábitos pecaminosos –

<sup>47</sup> “Desde a Queda sempre tem sido ilegal usar a Lei de Deus na esperança de estabelecer o mérito e a justificação pessoal de alguém. A salvação vem através da promessa e da fé; compromisso com a obediência é o estilo de vida da fé, um sinal de gratidão pela graça redentora de Deus” (Greg L. Bahnsen in *Five Views on Law and Gospel*; Zondervan Publishing House, 1993, p. 141; editado por Wayne G. Strickland).

hábitos no cérebro e no corpo.<sup>48</sup> Assim, os descrentes pecam *habitualmente* e não apenas *ocasionalmente* (1João 3:9).

Quando Deus converte um pecador, ele o regenera mudando a sua disposição básica interna de uma que é maléfica para uma que é boa, de forma que Paulo podia dizer: “No íntimo do meu ser tenho prazer na Lei de Deus” (Romanos 7:22). Essa mudança na disposição íntima muitas vezes produz rapidamente diferenças dramáticas e visíveis no estilo de vida da pessoa, de forma que alguns ou muitos dos hábitos pecaminosos do passado são removidos. Torna-se crescentemente verdade que esse crente agora peca *ocasionalmente* em vez de *habitualmente* (1João 3:9); contudo, muitos outros hábitos pecaminosos do cérebro e do corpo permanecem. Alguns desses pecados são especialmente teimosos, tanto que eles até ameaçam nossa certeza de salvação, mesmo que tenhamos sido verdadeiramente salvos.

Sobre essa condição, e em conexão com o que Paulo diz em Romanos 7 sobre santificação, Jay Adams escreve como segue:

Com o que se parece esse combate? . . . Alguém encontra forças contraditórias trabalhando, batalhando entre si. Com sua natureza regenerada ele descobre que quer fazer coisas que agradarão a Deus, mas não obstante falha em praticá-las. Por outro lado, o que veio a odiar como cristão, ele se descobre fazendo. Claramente Paulo diz: se eu faço coisas que não quero fazer, eu nisso testifico que a Lei é boa (v. 16). O problema está em mim, não na Lei. Não sou mais eu (o novo regenerado eu) que produz o pecado, mas as práticas pecaminosas do cérebro e do corpo habituados em meus membros. A luta é com o passado trazido para o presente por um corpo habituado...

Sua natureza pecaminosa, com a qual ele nasceu, programou as partes (membros) de seu corpo para responder a várias situações na vida pecaminosamente. Assim, na santificação, o problema é reprogramá-los nos caminhos corretos, apresentando os mesmos membros do corpo a Deus para justiça. Paulo acha que é uma lei (uma ocorrência habitual; alguma coisa que acontece regularmente) o fato de que sempre que ele quer fazer uma coisa boa, ele está ciente das tendências maléficas com as quais deve lutar... Os membros das pessoas têm que ser reacostumados. O cativoiro sobre o qual Paulo escreve é o forte cativoiro do hábito.<sup>49</sup>

Não podemos inferir a partir dos nossos sentimentos e experiências que nunca vamos superar nossos pecados remanescentes; antes, é a vontade de Deus que tenhamos sucesso na nossa luta para alcançar maior e maior santidade (Romanos 7:21; 8:14), mesmo que isso requeira de nós estarmos sempre avançando em direção à perfeição (3:12-14). Todavia, Deus não nos deixou para lutar contra o pecado com nosso próprio poder, pois não temos nenhum poder em nós mesmos (João 15:4-5). Em vez disso, Deus nos deu seu Espírito Santo, como ele disse: “Porei o meu Espírito em vocês e os levarei a agirem segundo os meus decretos e a obedecerem fielmente às minhas leis” (Ezequiel 36:27). Se você se tornou um crente, você

<sup>48</sup> Certamente, o cérebro é parte do nosso corpo. Aqui eu estou distinguindo principalmente o cérebro da mente para enfatizar que após a regeneração, embora a mente tenha uma disposição piedosa, o cérebro ainda retém hábitos pecaminosos. Devido à conexão entre a mente e o corpo (incluindo o cérebro), isso explica pelo menos parcialmente os nossos pensamentos e conversas pecaminosas após a conversão.

<sup>49</sup> Jay E. Adams, *The Christian Counselor's Commentary: Romans, Philipians, 1 Thessalonians, and 2 Thessalonians*; Timeless Texts, 1995; p. 61-62.

tem um poder em você para superar o pecado que nunca teve antes como pecador, e pela graça de Deus, “o pecado não te dominará” (Romanos 6:14).

Ainda que a santificação em si mesma seja soberanamente controlada por Deus (Filipenses 1:6; 2:13), ele nos faz “desenvolver” a nossa salvação (2:12) por meio de uma luta para a qual estamos atentos e um processo do qual estamos conscientes. Mas o que esse processo consciente envolve? Como ele funciona? Sabemos que Deus nos deu o poder do Espírito pelo qual podemos superar o pecado, mas como conscientemente aplicamos esse poder nas nossas vidas para efetuar a santificação?

Agora, o princípio da santificação é substituir o mal pelo bem. Jesus diz que quando um espírito mau deixa uma pessoa, se ele volta e encontra o homem “desocupado”, então ele trará consigo sete outros espíritos mais perversos que ele mesmo para reocupar o homem, de forma que a condição final do homem é pior que a primeira (Mateus 12:43-45). A santificação não envolve apenas a remoção dos maus feitos e hábitos, mas o desenvolvimento de bons feitos e hábitos.

Portanto, Paulo ensina um procedimento de “vestir / despir” pelo qual conscientemente cooperamos com o poder de Deus que está operando em nós para produzir santidade. Ele escreve: “Quanto à antiga maneira de viver, vocês foram ensinados a *despir-se do velho homem*, que se corrompe por desejos enganosos, a serem renovados no modo de pensar e a *revestir-se do novo homem*, criado para ser semelhante a Deus em justiça e em santidade provenientes da verdade” (Efésios 4:22-24).

Paulo aplica isso a diversos exemplos, talvez a atos pecaminosos que eram comuns entre os Efésios, e que eles estavam tendo dificuldades para superar. Ele escreve: “Portanto” – porque deveríamos aplicar o procedimento de “vestir / despir” – você deve *despir-se* da falsidade”. Se você foi um mentiroso, pare de mentir, mas além disso, você tem que aprender a “falar verdadeiramente” (v. 25). Quando um mentiroso parou de ser um mentiroso? Não é quando ele pára de mentir, mas quando ele começa a falar a verdade.

Ele continua: “Aquele que roubava não roube mais”. Se você foi um ladrão, pare de roubar, mas além disso, você “precisa trabalhar, e fazer alguma coisa útil”. Enquanto que você esteve pegando coisas dos outros que não lhe pertenciam, agora você tem que fazer exatamente o oposto – deve trabalhar “para que tenha o que repartir com quem estiver em necessidade” (v. 28). Isto é, substituir roubo por generosidade.

Se você estava acostumado a ter “conversa torpe”, então pare, mas além disso, você deve falar “apenas a que for útil para edificar os outros conforme a necessidade, para que conceda graça aos que ouvem” (v. 29). Assim, não é suficiente apenas parar seu palavreado maléfico anterior, mas você tem que substituí-lo com palavras edificantes para benefício daqueles que o ouvem. Dispa-se do palavreado prejudicial; revista-se do palavreado saudável.

Finalmente, Paulo diz: “Livrem-se de toda a amargura, indignação e ira, gritaria e calúnia, bem como de toda a maldade” (v. 31). Despa-se de “toda forma de maldade”, mas além disso, ele diz: “sejam bondosos e compassivos uns para com os outros, perdoadando-se mutuamente, assim como Deus os perdoou em Cristo” (v. 32). Dispa-se da malícia; revista-se da bondade.

Acima de tudo, estude teologia! Na passagem paralela em Colossenses, Paulo indica que assim como o “velho eu” se alimenta de “suas práticas”, o “novo eu” está “sendo renovado em conhecimento” (Colossenses 3:9-10). Novamente, existem aqueles que dizem que a teologia não é importante, mas que somente a santidade é importante. Além de ser antibíblico, essa postura é lógica e espiritualmente impossível, uma vez que é a teologia que define e alimenta o santo viver, e faz a santificação significativa e possível.

Paulo está aplicando esse mesmo procedimento de “vestir / despir” aos Filipenses em 4:6-9. O evangelho tem muitos inimigos políticos, ideológicos, sociais e doutrinários (Atos 16:19-24; Filipenses 1:28-29, 3-2; 1 Tessalonicenses 2:2), e é provável que Paulo esteja se dirigindo às ansiedades dos seus leitores sobre essas oposições. Compatível com o procedimento de “vestir / despir”, Paulo escreve: “não andem ansiosos por coisa alguma”, pelo contrário “apresentem seus pedidos a Deus” por “oração e petição, com ações de graças”. Parem de ser ansiosos, mas comecem a orar com ações de graças.

Mas a oração é apenas o primeiro passo para substituir a ansiedade. Uma vez que a ansiedade é uma questão de pensamento, a solução também pertence ao pensamento. A oração e a ação de graças volta a mente ansiosa da pessoa para uma direção totalmente diferente, preparando-a para adotar um diferente conjunto de pensamentos. O verso 8 não faz uma lista específica das coisas sobre as quais alguém deva pensar, mas faz uma lista dos tipos de pensamentos que são bons e aceitáveis, e nos diz para deliberadamente “pensar nessas coisas”. Certamente, a lista eliminaria muitos programas de televisão, filmes e revistas, mas ela certamente incluiria reflexões sobre doutrinas bíblicas, planos para promover o evangelho, caminhos para crescer na santidade. Novamente, a ênfase não é apenas na remoção de feitos maléficis, mas na consciente e deliberada implementação do estilo de vida piedoso que o apóstolo ensinou e demonstrou (3:17,4:9; também Hebreus 13:7).

O poder de Cristo progressivamente sobrepujará nossos hábitos pecaminosos na medida em que implementamos esse programa de santificação. Certamente, essa estratégia de “despir” da maldade e “revestir-se” de santidade se aplica a todas as áreas da vida, incluindo os outros itens que Paulo discutiu nessa carta aos Filipenses. Você é um sanguessuga? Deixe de ser um parasita e se torne um participante no evangelho, provendo assistência financeira e prática a igrejas e pastores que mereçam. A sua ambição egoísta está ameaçando a unidade da comunidade da sua igreja? Pare de buscar seus próprios interesses e comece a buscar pelos interesses de Cristo – a defesa do evangelho e a maturidade dos santos. Pratique um “estilo” de vida piedoso – você deve não somente substituir hábitos pecaminosos isolados em sua vida, mas tem que implementar um programa abrangente de santificação para alcançar um progresso real e duradouro.

A recompensa de seguir tal programa é que “a paz de Deus” (v. 7) e o “Deus da paz” (v. 9) estará com você, guardando seu coração e sua mente em Cristo Jesus. A palavra “paz” é na maioria das vezes entendida como se referindo à serenidade emocional interior; contudo, essa nem sempre é a ênfase principal. A palavra amiúde se refere à paz no *relacional* entre duas partes, de forma que ter “paz” num relacionamento é o oposto de estar em guerra com os outros.

Por exemplo, em Romanos 5, Paulo contrasta ser “inimigos de Deus” (v. 10) com ter “paz com Deus em Cristo Jesus” (v. 1). No mesmo sentido, a nossa mensagem é chamada de “o evangelho da paz” (Efésios 6:15). Em Efésios 2:14-16, “paz” é contrastada com “hostilidade”; em Colossenses 1:19-21, “fazer a paz” é contrastado com “alienado de Deus”,

e ser “inimigos” dele. Em todos esses casos, “paz” se refere à paz objetiva que alguém tem com Deus através da obra redentora de Cristo, e não à paz subjetiva da serenidade emocional interior.

Até mesmo o frequentemente citado versículo “que a paz de Cristo seja o juiz em seu coração” realmente se refere à harmoniosa relação entre “membros de um corpo” (Colossenses 3:15). Em outras palavras, “a passagem está falando sobre se dar bem com outros cristãos”.<sup>50</sup> Muitos têm usado esse versículo erroneamente para ensinar que Deus nos guia através de uma “paz” subjetiva, de forma que ter uma serenidade íntima sobre uma decisão provavelmente indica a aprovação de Deus. Mas a Bíblia não ensina isso como uma legítima forma de direção vinda de Deus.<sup>51</sup> Outros exemplos de “paz” sendo usados num sentido objetivo inclui 1 Tessalonicenses 5:23 e Hebreus 13. 20-21.

A questão não é difícil nem enganosa, mas muitos comentaristas falham em reconhecer isso. Motyer é uma exceção, pois ele escreve:

O “Deus da paz” é o Deus que faz a paz entre ele mesmo e os pecadores... Temos que ser cuidadosos, ao enfatizar a efetividade interna dessa paz protetora, para não limitá-la ao reino dos sentimentos pacíficos – um “senso” de estar em paz... Ela é também uma palavra de relacionamento incluindo “paz com Deus” (para cima) e integração pacífica (para fora) dentro da sociedade do povo de Deus.<sup>52</sup>

A frase, “que transcende todo o entendimento”, não pode ser vista como uma expressão anti-intelectual. Ela apenas está dizendo que o Deus que estabelece esta paz, seja subjetiva ou objetiva (mas especialmente objetiva), pode alcançar “mais que nossa hábil premeditação e ingênuos planos podem realizar”.<sup>53</sup> Nós prontamente reconhecemos que não somos todo-sabedoria e nem todo-conhecimento; não podemos conhecer todas as implicações e ramificações de cada evento, embora Deus designe e conheça todas elas. E sabendo que Deus reina sobre todas as coisas, oferecemos nossas orações e ações de graças, e temos pensamentos piedosos para substituir a nossa ansiedade.

---

<sup>50</sup> Jay E. Adams, *The Christian Counselor's Commentary: Galatians, Ephesians, Colossians, and Philemon*; Timeless Texts, 1994; p. 160.

<sup>51</sup> Passagens como 2Coríntios 2:13 não são exceções. Por exemplo, esse versículo em 2Coríntios está meramente dizendo que Paulo queria encontrar Tito. Ele não ensina que sua falta de “paz” era um sinal de Deus para ajudá-lo a tomar uma decisão consciente. Deus controla todas as coisas, incluindo o nosso sentimento de paz ou falta dela, mas ele também controla a cobiça humana, mas ter cobiça de fazer alguma coisa não quer dizer que você tem a aprovação de Deus para fazê-la, visto que Deus já lhe disse nas Escrituras o que fazer com a cobiça. Portanto, nossa faculdade emocional é somente uma função da mente, e não é uma forma autorizada de direção divina.

<sup>52</sup> Motyer, p. 208-209.

<sup>53</sup> Martin, p. 172.